

## Intimidade compartilhada

A correspondência entre autores ganha cada vez mais importância dentro dos estudos literários e ajuda a entender obras e o período em que foram escritas

**CARTAS  
INÉDITAS**

DE WILSON BUENO  
A JOÃO ANTÔNIO



## EDITORIAL

**A** liberação, determinada pela Controladoria Geral da União (CGU), de uma carta enviada pelo escritor Mário de Andrade, no dia 7 de abril de 1928, ao poeta Manuel Bandeira dominou a pauta cultural brasileira nos últimos dias. Bem mais do que o aparente “bafo” da correspondência, “tão falada (pelos outros) homossexualidade” do autor de *Macunaíma*, o fato aponta para outra questão, mais complexa e profunda: a correspondência entre escritores tem relevância para os estudos literários.

Para entender o assunto, a reportagem do **Cândido** consultou especialistas, entre os quais Marcos Antonio de Moraes, da Universidade de São Paulo (USP), Pedro Theobald, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Alvaro Santos Simões Junior, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), e Diana Junkes Bueno Martha, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

A professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Ligia Fonseca Ferreira assina um ensaio inédito sobre a trajetória de Luiz Gama, intelectual brasileiro negro, a partir da troca de cartas do autor com outros interlocutores. Para completar o especial, **Cândido** publica cartas que o escritor Wilson Bueno enviou ao amigo João Antônio — conteúdo inédito.

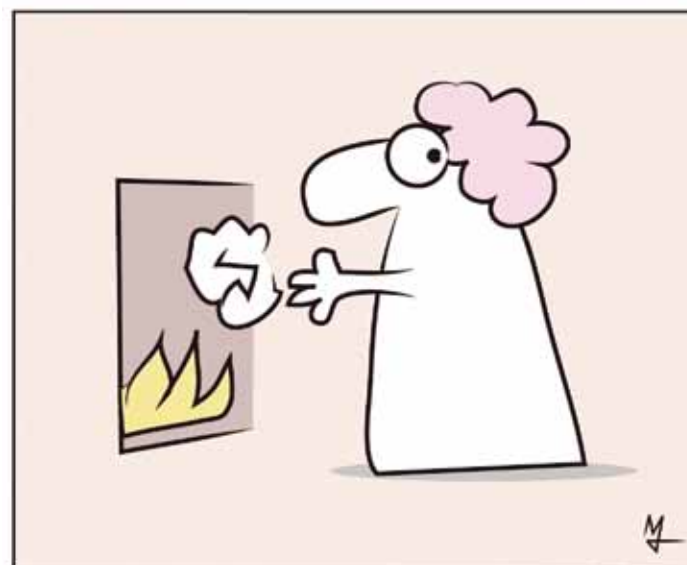
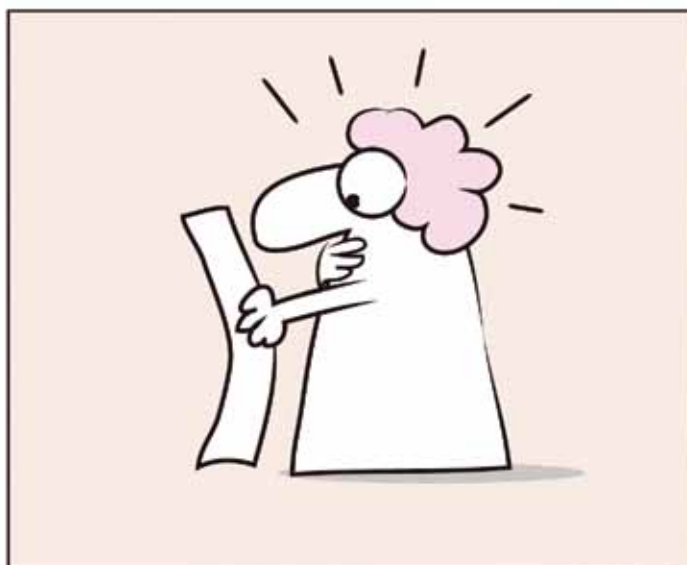
A edição de julho traz ensaio do poeta, letrista Roberto Prado sobre o percurso do seu irmão, o também poeta Marcos Prado — além de poemas inéditos do artista que saiu de cena há quase duas décadas.

Após o Supremo Tribunal Federal (STF) liberar a publicação de biografias não autorizadas, **Cândido** entrevista Toninho Vaz, autor, entre outros títulos, de *O bandido que sabia latim*, biografia de Paulo Leminski há algum tempo fora de circulação por desentendimento do autor com as herdeiras do poeta.

O ex-guitarrista da Legião Urbana Dado Villa-Lobos é o personagem da série Perfil do Leitor e, entre os inéditos, poemas de Fabrício Carpinejar e Marcelo Backes e o fragmento de um romance de Jair Ferreira dos Santos.

Boa leitura.

### CARTUM Cesar Marchesini



### EXPEDIENTE

## CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa  
Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:  
Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:  
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:  
Kaype Abreu, Lucas de Lavor e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC  
Rita Solieri Brandt | coordenação  
Bianca Franco, Marília Costa, Marluce Reque  
e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:  
André Rodrigues, Ariádiny Rinaldi, Cesar Marchesini, Fabrício Carpinejar, Isabel Furini, Jair Ferreira dos Santos, Lígia Fonseca Ferreira, Marcelo Backes, Marcos Prado, Marília Costa, Marluce Reque, Roberto Prado e Wilson Bueno.

Redação:  
imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.  
Horário de funcionamento:  
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.  
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## CURTAS DA BPP



## Arte japonesa no MON

O Museu Oscar Niemeyer (MON) apresenta, até 2 de agosto, a exposição “Ukiyo-e, obras primas de Hokusai e Hiroshige — Coleção Museu de Arte Fuji de Tóquio”, com 70 obras japonesas que revelam paisagens, flagrantes do cotidiano,

imagens de guerreiros, gueixas e atores teatrais. A mostra faz parte dos eventos comemorativos aos 120 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação assinado entre Brasil e Japão no dia 5 de novembro de 1895.

## Teatro para crianças

Estão abertas as inscrições para o curso de teatro infantil da Biblioteca Pública do Paraná. O objetivo é ensinar às crianças noções básicas de improvisação e expressão corporal. Meninos e meninas de 7 a 10 anos podem se inscrever. As aulas acontecem todas as sextas-feiras, das 14h

às 17h, no auditório Paul Garfunkel da BPP. O curso será ministrado pela professora de teatro e atriz Rana Moscheta. Ao fim de cada semestre, o grupo encena uma peça, que será apresentada na BPP. Os interessados devem procurar a Seção Infantil no telefone 3221-4980.

## Sossélla inédito

A editora Arte & Letra lança em agosto *Nova Holanda*, novela inédita do escritor Sérgio Rubens Sossélla. Juiz de Direito, depois da aposentadoria Sossélla dedicou-se exclusivamente à literatura, vivendo de maneira

excêntrica entre livros, papéis e pensamentos em sua biblioteca particular, com aproximadamente 15 mil livros catalogados. O autor morreu em 2003, em Paranavaí. Deixou mais de 400 obras publicadas e vários livros inéditos.

## Cléo e a Fofa

A escritora Cléo Busatto acaba de lançar seu primeiro livro juvenil. *A fofa do terceiro andar* sai pelo selo Galera Júnior, da Editora Record. A história gira em torno de Ana, uma menina acima do

peso e de opinião forte. Ela muda de escola e passa a sofrer perseguições por parte dos colegas. É quando conhece um menino que não se importa com padrões de beleza e que vê o mundo de uma outra maneira.



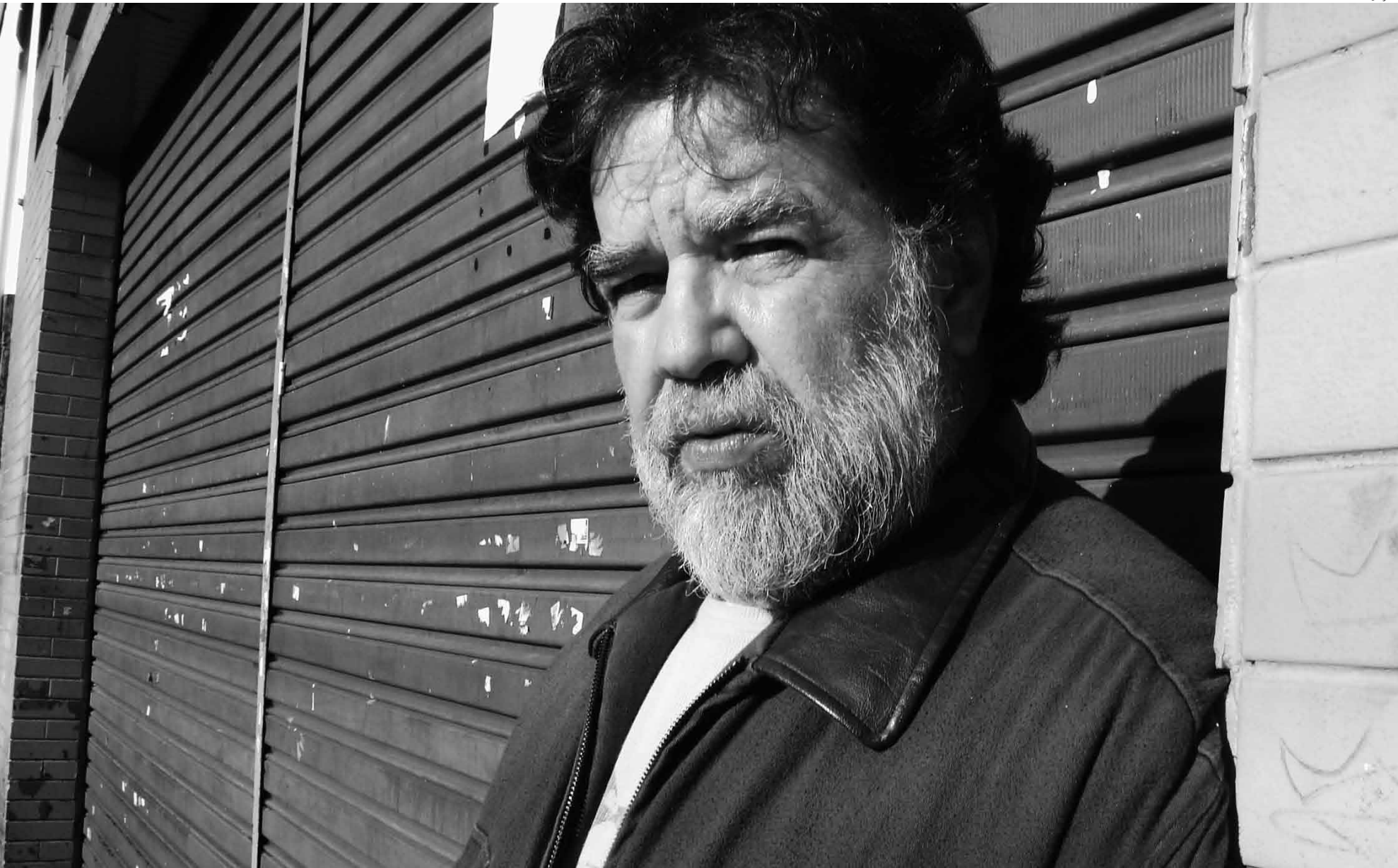
ENTREVISTA | TONINHO VAZ

# Livre para publicar

Autor de livros sobre Paulo Leminski, Torquato Neto, Luiz Severiano Ribeiro e Santa Edwiges, o jornalista fala de sua trajetória e comenta a liberação das biografias não autorizadas no país

OMAR GODDY

Divulgação



Autor das biografias de Torquato Neto e Paulo Leminski, Toninho Vaz atualmente trabalha em um livro sobre o músico Zé Rodrix, morto em 2009.

**A** entrevista aconteceu no calor do momento, logo após o Supremo Tribunal Federal derrubar a exigência de autorização prévia para a publicação de biografias no Brasil (único país democrático do mundo em que esse tipo de censura ainda existia). Como era de se esperar, Toninho Vaz estava satisfeítíssimo, pois viu seu livro sobre Paulo Leminski ser liberado automaticamente pela Justiça. Em 2013, as herdeiras do poeta vetaram a reedição de *O bandido que sabia latim* alegando “violação à intimidade e honra” do biografado e de sua família. A obra foi lançada originalmente em 2001, com o consentimento da viúva e das filhas de Leminski, mas a inclusão de um trecho sobre o suicídio do irmão do poeta azedou a relação entre as duas partes. O papo, no entanto, não ficou limitado ao tema espinhoso. Jornalista com mais de 40 anos de carreira e passagens por vários veículos importantes do país, o curitibano também falou sobre sua trajetória, o futuro da profissão e as outras biografias que produziu (Torquato Neto, Santa Edwiges, Darcy Ribeiro, Luiz Severiano Ribeiro), entre outros assuntos. Antes do fechamento da edição, ele ainda revelou uma novidade: começou a negociar, com uma “grande produtora brasileira”, os direitos de *O Bandido...* para o cinema.

**Os ministros do STF acabaram de decidir pela liberação de biografias sem autorização prévia. Como você avalia todo o processo de discussão do tema, que culminou com o julgamento desta semana? Quem ganhou e quem perdeu com isso, no fim das contas?**

A exigência de autorização para as biografias é parte da nossa história das trevas, das poucas liberdades e da taca-nhez cultural. O nome certo é censura. A nossa Constituição deve ser respeitada — e os biógrafos venais, mentirosos, punidos. O que aconteceu no STF foi o resgate de um equívoco judicial em forma de Código Civil. A sociedade ganhou, ganharam os libertários. Perderam os reacionários, aqueles que apostam nas trevas, no silêncio. Como disse a Ministra Cármen Lúcia: “Cala a boca já morreu”.

**Você acredita que agora haverá um boom de biografias no mercado editorial brasileiro?**

Não tenho certeza disso, mas certamente vai ficar mais fácil pesquisar e publicar obras biográficas. Parte da ameaça foi afastada, mas as armadilhas estão sempre por aí.

**Como fica a situação da sua biografia do Paulo Leminski (cuja reedição não foi autorizada pela família do poeta) após a decisão do STF?**

Em princípio o livro está livre para ser editado, mas já fui avisado que as herdeiras do Leminski vão tentar impedir o uso de poemas, qualquer poema dele, alegando direitos autorais. Já que não podem mais censurar, elas agora prometem apelar para a mesquinha intelectual. É lamentável que façam isso em nome de um poeta libertário.

**A família do Leminski alega que o veto tem relação com um trecho acrescentado à obra, sobre o suicídio do irmão do poeta. Segundo as herdeiras,**

**as informações incluídas exploram “fatos trágicos” e “não contribuem para elucidar a personalidade e a obra do biografado”. Este é o único motivo ou há outros?**

O trecho de oito linhas foi usado apenas como pretexto por elas, pois não existe nada de errado nele. Elas nunca me pediram para retirar as oito linhas, por exemplo. E sendo sobre o suicídio do irmão dele, é curioso que a família de Pedro Leminski, com a qual sempre tive um bom relacionamento, nunca tenha me hostilizado. A rigor, o livro censurado tinha o mesmo conteúdo das três edições anteriores. Como justificar a censura, então? Quando elas alegam que deveriam receber dinheiro para permitir a publicação, acredito que estão mais próximas do real motivo que as levaram a tomar uma atitude idêntica a de María Kodama, a viúva de Borges, que depois da morte do poeta “sentou” em cima de sua obra e não permite nem homenagens se não houver dim-dim. Elas pensam como o Djavan, que biografia gera muito dinheiro. É a taca-nhez cultural. Mesmo com a decisão do STF, pretendo manter na justiça uma ação por perdas e danos que já está correndo.

**Você leu *Passeando por Paulo Leminski*, livro de memórias do Domingos Pellegrini? O que achou?**

Li e não gostei. As memórias do Pellegrini referem-se, sobretudo, a um Leminski em decadência, já depauperado física e mentalmente, abatido pela doença. Muito diferente do Leminski que eu conheci em 1970, no auge da forma física (era judoca) e intelectual, então com 25 anos, e com quem convivi até o fim. Nada contra o direito do Pellegrini de escrever e publicar o livro, cuja batalha tem muitos méritos, mas guarda uma visão limitada do personagem, deixando a impressão de que o poeta foi “apenas” aquilo. Veja: a censura

## ENTREVISTA | TONINHO VAZ

aos nossos livros aconteceu no mesmo momento, mas ele foi o primeiro a saber e imediatamente saiu em defesa das nossas posições. Mas o Pellegrini, que morava em Londrina, não engana o leitor e nem promete outra coisa além da sua convivência com Leminski, que morava em Curitiba. Tudo certo. Vale a pena lembrar, então, que o livro de cartas trocadas entre Regis Bonvicino e Leminski, *Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica*, também estava sob censura e agora foi liberado.

**Há quem diga que você planeja escrever uma biografia de Dalton Trevisan. Essa informação tem algum fundamento?**

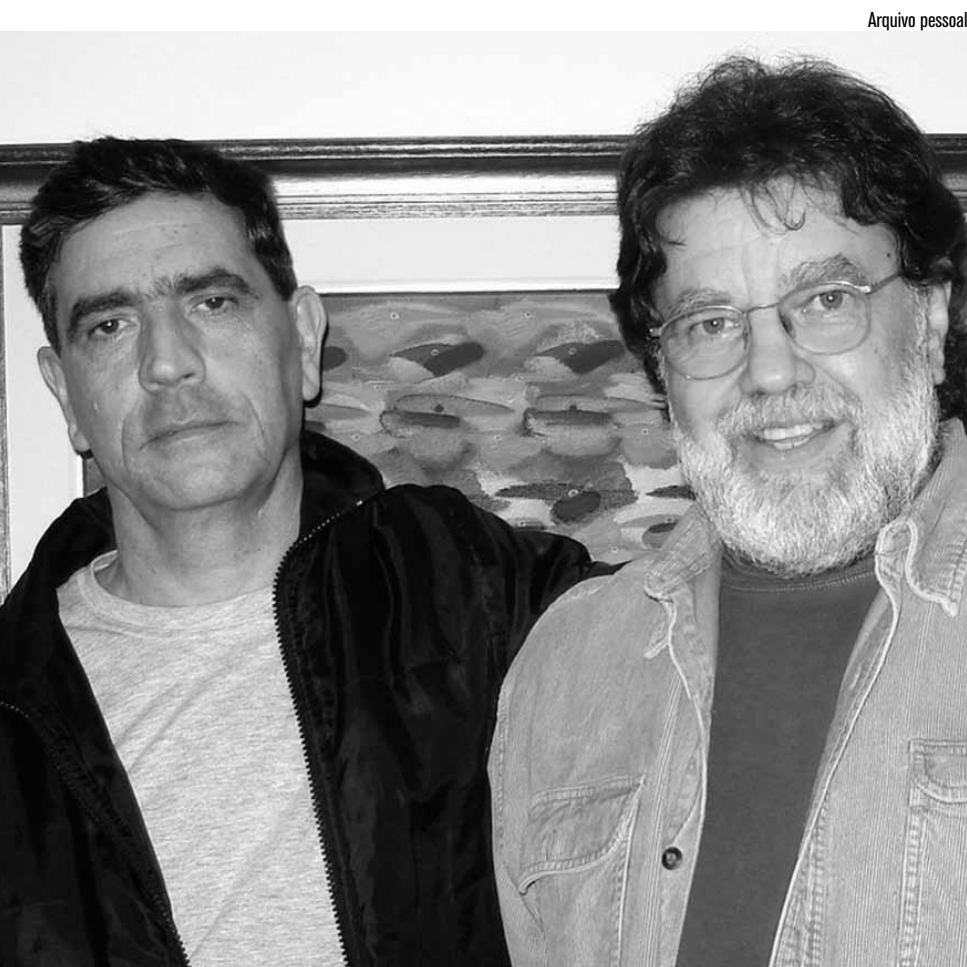
Nunca pensei nisso. Acredito que pessoas mais próximas do Dalton e de suas histórias estejam mais qualificadas. Mas é um grande personagem. Se me convidassem,

e o convite partisse de fonte qualificada pela estima, eu aceitaria.

**Existem outras personalidades paranaenses que você gostaria de biografar?**

Nenhuma, particularmente. Anos atrás, tentei fazer em parceria com a jornalista Miriam Karam, de Curitiba, uma abordagem de personagens e histórias do folclore da cidade, suas lendas e mitos, através de um edital da Fundação Cultural de Curitiba, mas não fomos classificados. O escritor Wilson Bueno é outro bom personagem, por isso mesmo já tem alguém pesquisando a vida dele.

**Você acredita que os seus biografados têm uma característica em comum? Alguns deles são outsiders, mal-ditos, contraculturais.**



Arquivo pessoal

Nos anos 1980, o biógrafo colaborou com o jornal *Nicolau*, editado pelo escritor Wilson Bueno (à esquerda).

Sim, com relação aos poetas. Mas eu escrevi também a biografia parlamentar do Darcy Ribeiro, senador; sobre o homem de cinema Luiz Severiano Ribeiro, um cearense, e Edwiges, a santa libertária. Além da história do Solar da Fossa, fenômeno carioca que também é repleto de *outsiders*. Estas escolhas refletem o status da minha geração, da contracultura, eu sou filho da contracultura.

**Como você encara a tarefa de produzir uma biografia por encomenda? O processo é diferente?**

Sim, é diferente. Eu escrevi a biografia de Edwiges a convite da editora Objetiva, que estava lançando uma coleção sobre santos. Já haviam sido editados São Francisco e Santa Teresa e me deixaram escolher a santa. Inicialmente, tentei escrever sobre São Jorge, o santo dos cariocas, mas descobri que a vida dele era na verdade limitada ao primeiro São Jorge, um centurião que nasceu na Capadócia e de quem pouco se sabe. Depois dele, todo e qualquer centurião que se recusava a matar cristãos e era sacrificado por isso passou a se chamar São Jorge. Acabei optando por Edwiges depois de assistir a uma impressionante missa dominical da igreja de Santa Edwiges em São Cristóvão, no Rio. E percebi o desespero e a aflição das pessoas endividadas com o burgo mestre. Num certo sentido, é a santa nacional.

**Quem é o seu “personagem dos sonhos” como biógrafo?**

Durante anos tentei fazer uma biografia completa e moderna do maestro Villa-Lobos, abordando sobretudo o tempo em que ele viveu em Paris e Nova York, um relato ainda inédito. Na época, comuniquei a minha intenção a Turíbio Santos, então presidente do Instituto Villa-Lobos (onde se concentram os arquivos do maestro) e fui abençoado por ele. Mas o orçamento de R\$ 600 mil para a produção determinou que eu deveria procurar a Lei Rouanet ou algo parecido. Como trabalho

sozinho, apenas com uma advogada para questões jurídicas, nada consegui. Mas ainda acho um absurdo a falta de informação sobre o genial maestro. A biografia que existe, do professor Vasco Mariz, com todo o respeito, foi escrita em 1959 e ignora a vivência dele em outras cidades.

**Por que você saiu da editora Record?**

Porque a editora se comportou mal comigo. Romperam uma cláusula importante de um contrato e ainda queriam dizer que o errado era eu. Mas a justiça definiu a questão e a editora teve que me indenizar. Desde então, passei a ser tratado como inimigo mortal da Record, que através do Sindicato dos Editores de Livros, presidido por uma representante da família, me afasta dos eventos produzidos por eles, como as bienais e a Flip, de Paraty. Mas eu não vim para este mundo para me alinhar com coisas antigas e viciadas.

**Como é, em linhas gerais, o seu método de trabalho como biógrafo?**

A biografia nada mais é do que uma reportagem grande, completa, sobre um único tema, o personagem. Claro que tenho liberdade de puxar o texto para as nuances do romance, nada impede. Até hoje, entre centenas de entrevistas feitas para todos os meus livros, não existe nenhuma que eu não tenha feito pessoalmente, olhando nos olhos dos entrevistados. Eu reconheço que sei perguntar. Costumo gastar um ano na pesquisa e outro escrevendo.

**Quais os biógrafos, brasileiros e internacionais, que mais influenciaram o seu trabalho nessa área?**

O Fernando Morais e o Ruy Castro são mestres, mas sempre gostei de biografias, antes de elas surgirem modernas. O trabalho do João Máximo, com Noel Rosa, é sério. Certa vez, fui influenciado por um livro específico, a biografia do baixista Jaco Pastorius, do

Arquivo pessoal



Vaz foi amigo próximo do escritor e político Darcy Ribeiro, de quem escreveu a biografia parlamentar.

grupo Weather Report, escrita pelo jornalista nova iorquino Bill Millkoski, ligado a revistas de jazz. Nunca foi traduzida para o português. Eu sabia que o Jaco teve um fim trágico, mas não sabia o que tinha acontecido com ele. Devorei o livro em duas noites. Por coincidência, foi a última biografia que eu li antes de começar a minha primeira, do Leminski

### Qual dos seus livros foi o mais difícil de desenvolver?

A biografia de Torquato Neto, certamente. A primeira edição, feita em parceria com a editora Record, foi impugnada pela viúva do poeta quando estava para ir para as máquinas. Depois de cinco meses de negociação, a editora capitulou e me ofereceu o recurso do distrato, ou seja, mesmo com o contrato assinado (já estava para rodar) os originais voltaram para mim. A editora perdeu o dinheiro que me havia adiantado meses antes. Dois dias depois do distrato, recebi um telefonema de uma editora paulista chamada Casa Amarela (da revista *Caros Amigos*) se dizendo disposta a correr o

risco e lançar o livro sem consultar a viúva. Assim foi feito. Não houve represália, mas o livro ficou praticamente inédito, pois nunca estava disponível nas livrarias. A tiragem era mínima e o livro acabou definhando. A segunda edição, que saiu pela editora Nossa Cultura, de Curitiba, e está nas livrarias, foi autorizada pelo filho do poeta, Thiago Nunes, que garantiu liberdade total de expressão. Lançada em 2013, está levando uma vida bastante saudável.

### Como foi sua vivência como jornalista nas redações do Paraná?

Comecei escrevendo sobre cinema, como hobby, para o editor Aroldo Murá, no suplemento cultural do *Diário do Paraná*, por onde já tinham passado Paulo Leminski, Sylvio Back, Lelio Sotto Maior, o pessoal do grupo Áporo. Foi o primeiro contato. Depois, com carteira assinada, fui para o *Diário da Tarde*, do grupo *Gazeta do Povo*, onde o meu editor era o Celso Nascimento, ainda hoje na praça Carlos Gomes. Fiz trabalhos regulares para o jornal católico *Voz*

“ Já fui avisado que as herdeiras do Leminski vão tentar impedir o uso de poemas, qualquer poema dele, alegando direitos autorais”

do Paraná, também editado pelo Murá. Sempre caprichei no figurino e considero esta experiência fundamental para minha adaptação nas redações cariocas, onde cheguei em 1974.

**Em 2014, a Biblioteca Pública do Paraná lançou uma reedição impressa do jornal *Nicolau*, publicado pela Secretaria de Estado da Cultura entre 1987 e 1996. Sabe-se que você foi um grande divulgador da publicação, mesmo morando fora de Curitiba. Fale dessa época e da importância do *Nicolau*.**

Sim, eu era amigo do editor Wilson Bueno. Nessa época eu morava no Rio e viajava pelo mundo como editor de televisão. O Bueno (ele não gostava de ser chamado de Wilson) achou interessante eu me tornar um repórter itinerante sempre que possível. Foi assim que criamos algumas coisas juntos. Relatos de New Orleans, Nova York, Paris, Cuba, etc. Em Nova Orleans eu procurei e achei o metro quadrado onde nasceu o blues; de Londres, eu trouxe um ensaio fotográfico de Sue Cunningham,

amiga de Sting, que estivera com ele fotografando na Amazônia. O Bueno gostava muito da entrevista que fiz com o Paulo Francis, em seu apartamento na Rua 47, em Manhattan. O título escolhido pelo Bueno: “O senhor das polêmicas!”. O Millôr chegou a citar a entrevista na sua coluna do *Jornal do Brasil*. Lembro que aproveitei a viagem e deixei alguns exemplares do *Nicolau* na New York University, setor de língua portuguesa. Sou suspeito, mas considero o *Nicolau* um dos marcos da cultura paranaense moderna. E mais: será que alguém já percebeu a riqueza do nosso parque gráfico e dos nossos designers?

**Mesmo estando fora das redações, como você vê as mudanças radicais que o jornalismo e a profissão de jornalista estão passando nos últimos anos? Acredita que a atividade como nós a conhecemos está “ameaçada”, como alguns profetizam?**

Eu acho que o jornalismo já mudou sua feição, misturado às outras fontes de informação. Eu costumo dizer que, como jornalista, venho do linotipo, passei pelo *offset* e cheguei na *web*. São formas, não conteúdo. Como disse recentemente o professor Umberto Eco, “Os imbecis foram aceitos e acomodados nas redes sociais, onde ganharam voz e podem emitir opinião”. Nada mais é sagrado. Mas cuidado com a informação, quando equivocada ela pode trabalhar contra você.

### Quais são seus próximos projetos?

Estou retomando contato com editoras, pois já iniciei pesquisa para escrever sobre o fantástico Zé Rodrix, um músico genial e uma pessoa surpreendente. Depois de alguns meses de pesquisa, estou convencido da riqueza do personagem — de quem pouco se conhece, não fosse ele um aplicado membro da maçonaria brasileira. Neste caso, tenho o apoio da família: a viúva Julia e os seis filhos concordaram. Mas ainda não tenho editora. ■

## TODAS AS MULHERES



Ilustrações Marluce Reque

**Fabrizio Carpinejar** nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS). É poeta, cronista, jornalista e professor. Autor de 30 livros, entre poesia, crônicas, infantojuvenis e reportagem, atua como apresentador da TV Gazeta e TVCOM. Também é colunista do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da Rede Globo, e do jornal *Zero Hora*. Na poesia, publicou, entre outros, *Um terno de pássaros ao sul* (2000) e *Cinco Marias* (2004). *Todas as mulheres* marca seu retorno ao gênero depois de oito anos, desde *Meu filho, minha filha* (2007). Carpinejar vive em Porto Alegre (RS).

O poema publicado pelo **Cândido** faz parte do livro inédito de Fabrício Carpinejar, que será lançado no segundo semestre pela editora Bertrand Brasil.

Meu casaco não serve para nada,  
não será travesseiro de minha viúva  
nas pedras frias de uma escada,  
não será guarda-chuva de minha viúva  
em tempestades repentinas,  
não será proteção dos ombros de minha viúva  
nas saídas das festas.  
É um casaco de morto, morrendo com o morto.

Assim como morrem comigo  
as cadeiras ao meu redor.

Assim como morrem comigo  
as boias de flores em minha volta,  
que não me devolverão às margens.

Assim como morre comigo  
o fogo dos candelabros.

Assim como morrem comigo  
o medo dos trovões e o meu grito,  
asas da água.

Assim como morrem comigo o nó da gravata e do estômago,  
os percalços e as certezas.  
Morrem comigo o alto e o mínimo, o baixo e o sublime.

Morrem comigo minha imagem, minha melhor versão,  
minha decadência, minha agressividade,  
meu suspiro, meu bocejo.  
Eu perderei a mim definitivamente.  
E perder não é falta de cuidado, é apenas perder.

Eu não me reconheço nesta pompa de ministro,  
nos dosséis e flâmulas, nas bandejas de prata  
e nos cálices de veneno,  
nos discursos graves e nos cumprimentos formais.

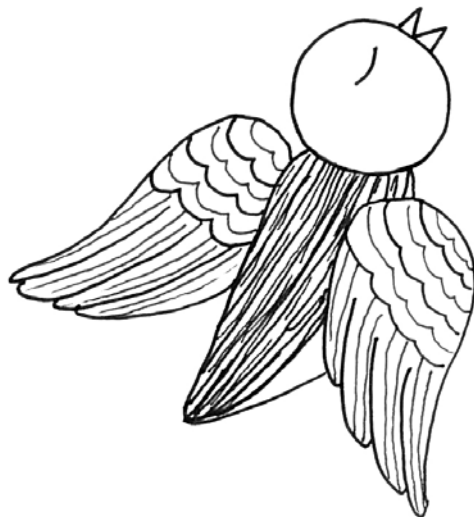
Até pareço satisfeito e bonito.  
Mas, de longe, todo morcego é um pássaro.

Eu me vejo de perto, por dentro.  
Reparo em minhas pernas magras,  
iguais a de meu pai,  
ossudas, de canelas finas:  
não iria mesmo longe.

Se eu pudesse rir, estaria debochando de minha aparência.  
Da minha cabeça de anão, superior ao próprio corpo.  
Do queixo pontiagudo escondido pela barba grisalha.  
Do nariz sem forma alguma.

Minha vida não é uma folha em branco,  
mas não entendo a minha letra.





## AQUELA ÓPERA


sonhei com uma gárgula no alto de um prédio  
a gárgula (na penumbra) espreitava o céu  
e vi algumas luzes transformar-se em gárgulas  
e voar rumo às estrelas enquanto os bêbados cantavam:  
*Libiamo, libiamo ne'lieti calici che la bellezza infiora\**.

acordei e olhei pela janela e vi dois bêbados e uma prostituta  
sentados na calçada — os bêbados estavam cantando *La Traviata*  
e a prostituta usava um branco véu de noiva  
e alegremente dançava dançava dançava

ao escutar a ópera de Verdi cantada pelos bêbados  
percebi dentro de mim o alento de um dragão  
(um infinito ulular de estrelas de sons e melodias)  
e lembrei-me de antigas noites de sonhos e de solidão

a prostituta terminou sua dança e tirou o véu  
e ficou quieta e silenciosa (seus olhos fitavam o firmamento)  
e eu percebi que ela observava entre as nuvens o rosto de Deus  
(o verdadeiro)

*\*Libiamo, libiamo ne'lieti calici che la bellezza infiora/ Brindemos, brindemos  
nos alegres cálices, que a beleza floresce.*

 **Isabel Furini** é escritora e educadora. Autora do livro de poemas *Os corvos de Van Gogh* (2012), orienta a oficina "Como Escrever um Livro", no Solar do Rosário, em Curitiba. É colunista da revista *IndicaMais* de Araraquara (SP).

## DESTINO DE CONDOR

e se vestiu de orvalho  
depois de pássaro  
e tive medo que se afastara cantando primaveras  
semeando flores sobre as pedras  
ou tentando reverdecer o deserto

na montanha de Machu Picchu um condor o seguia  
e um xamã  
ao predizer o seu destino  
falou do caminho das estrelas

e uma vez  
ele escutou o vento do Atacama  
e uma árvore  
(a única entre as pedras)  
murmurou em seu ouvido  
:  
seu destino é ser pássaro  
e voar  
(além do vento)  
voar rumo as estrelas.

## INTERROGANTE

*O tempo é a imagem móvel da eternidade. Platão.*

impossível ignorar os espelhos de Picasso  
peixes escorregadios que refletem o próprio eu  
impossível ignorar cadeiras e espelhos  
guitarras e arlequins

nos quadros do artista dormem  
a geometria e o mistério do cubo  
(as formas e sua alquimia)

as horas brincam e pular de frente e de perfil  
entre os chapéus das mulheres  
Picasso cria um ardil  
fragmenta o mundo com sua mente arguta  
e pinta rostos com várias perspectivas

enquanto as horas brincam e pulam  
:  
um, dois, três...e o quarto homem?  
onde estará o Timeu de Platão?

# A capitania de Vandré

Entre agosto de 1991 e janeiro de 1992, Geraldo Vandré, que em setembro completa 80 anos, escreveu crônicas para o jornal *Correio Popular*, de Campinas. O conteúdo do material revela um artista mais preocupado em fazer odes às Forças Armadas do que textos de protesto

ARIÁDINY RINALDI

Quando retornou do exílio na Europa, no segundo semestre de 1973, Geraldo Vandré decidiu que não cantaria novamente no Brasil. Isolou-se em seu apartamento no Centro de São Paulo, evitou aparições públicas e raramente concedeu entrevistas. Foi visto pela última vez, em março do ano passado, no Teatro Bradesco, na capital paulista: até topou subir ao palco, a convite da cantora norte-americana Joan Baez, mas permaneceu em silêncio absoluto enquanto ela mostrava sua versão de “Pra Não Dizer que Não Falei de Flores (Caminhando)”, o maior hino de resistência ao regime militar brasileiro (1964-1985), composto por Vandré. Mesmo mudo, nas últimas quatro décadas, Geraldo Vandré não permaneceu calado. Nas páginas de jornal, encontrou uma forma diferente de se expressar e assumiu, durante seis meses, o posto de colunista do *Correio Popular*, de Campinas (SP).

Publicados entre agosto de 1991 e janeiro de 1992, sem qualquer repercussão, os textos caíram no esquecimento. Para ter acesso ao material, que não está disponível na internet,

é preciso garimpar as antigas edições no Centro de Documentação do jornal. “A coluna dele passou despercebida. Os leitores não associavam o nome à pessoa, ou, simplesmente, não acreditavam que era mesmo o Geraldo Vandré”, explica Jary Mércio, editor, à época, do caderno de cultura do *Correio Popular*.

Na década de 1990, o *Correio* investiu fortemente em jornalismo opinativo e teve outras grandes personalidades, como Rubem Alves e Hilda Hilst, incluídos no rol de colunistas. Antes de aceitar a proposta, Vandré fez algumas exigências. Uma das imposições era com relação à integridade de seu texto. Ninguém poderia mudar uma vírgula sequer de lugar. “Publicávamos exatamente o que ele nos encaminhava, não importa se tivesse erros de grafias ou gramaticais”, relembra Mércio.

O músico nunca visitava a redação. Estava em constantes viagens, e fazia questão de mencionar na coluna: numa semana escrevia de Salvador, na Bahia, onde prestigiava cerimônias oficiais do alto comando da Marinha; na outra, direto do gabinete da amiga

Luiza Erundina, prefeita de São Paulo, na época, pelo PT. Por isso, Vandré enviava os textos por fax, de maneira esparsa e fragmentada. Intitulada “Capitania de Wanmar”, a coluna ocupava meia página e saía todos os sábados, acompanhada de ilustrações caprichadas.

No comando de sua capitania, Vandré evita lembrar o passado. Aborda, rapidamente, a mudança de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, quando tinha 16 anos, e os tempos na academia da antiga Universidade do Distrito Federal, onde cursou Direito. Com nostalgia, recorda alguns parceiros de composições, como Carlos Lyra, Baden Powell e Aláide Costa. Mas não comenta sobre a sua infância na Paraíba e em Pernambuco, o alvoroço da era dos festivais, a passagem pelo Uruguai, Chile, França, Alemanha e outros países durante o período de exílio, ou o seu último *show* em Ciudad del Este, em 1985, no Paraguai.

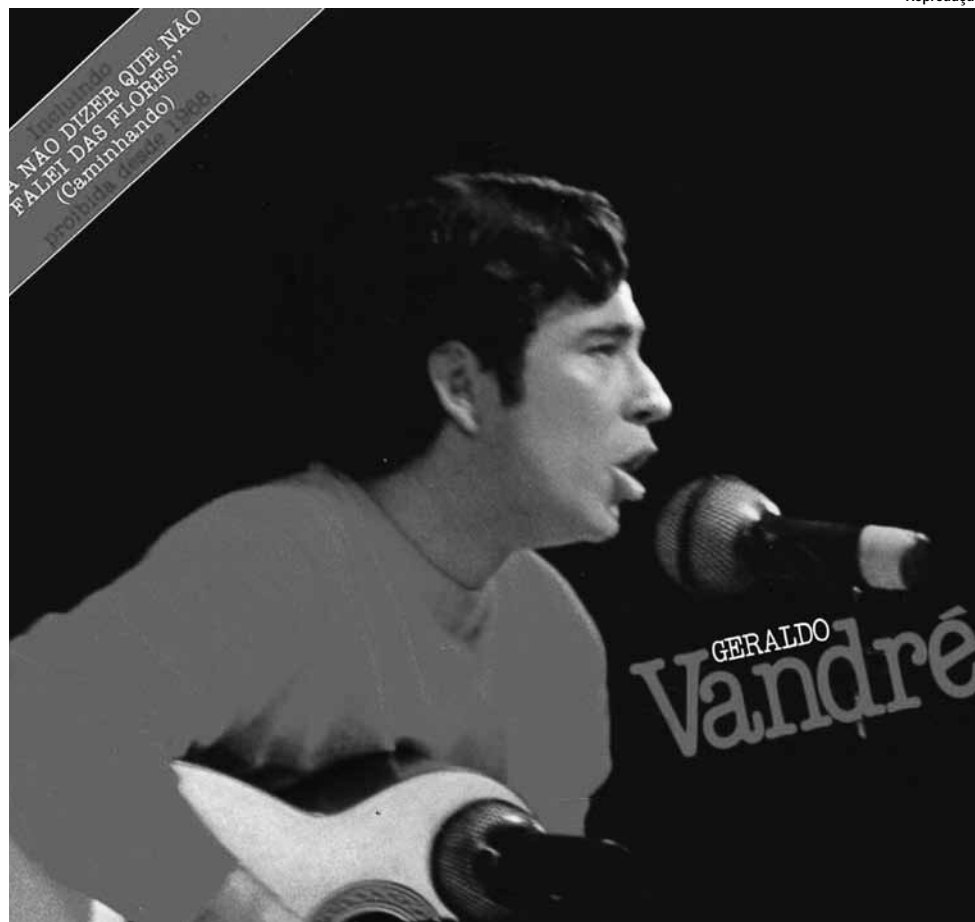
## Fabiana contraditória

Vandré inaugura sua colaboração no *Correio Popular* com a divulgação, na íntegra, dos versos de “Fabiana”, compostos em 1985, em homenagem à Força

Aérea Brasileira, e que até então eram desconhecidos do público. Três anos depois da publicação, “Fabiana” finalmente ganhou melodia e foi executada no Concerto Sideral, evento promovido pelo Ministério da Aeronáutica, em comemoração da Semana da Asa, no Memorial da América Latina.

A música deixou os fãs perplexos, porque dilacerava qualquer áurea revolucionária e esquerdista persistente sob a figura de Geraldo Vandré. O homem que fez o Maracanzinho inteiro cantar em uníssono os versos “vem/vamos embora/que esperar não é saber/quem sabe faz a hora/não espera acontecer”, durante o Festival Internacional da Canção de 1968, e fez Antônio Carlos Jobim e Chico Buarque levarem a maior via de suas vidas; aquele que se viu obrigado, com a instalação do Ato Institucional nº5 a suspender a turnê que passaria por Goiânia, Anápolis e Brasília para se esconder na casa da viúva de Guimarães Rosa; aquele que, fugindo da repressão da ditadura, exilou-se no Chile e de lá foi expulso com a tomada de poder do ditador Augusto Pinochet; aquele mesmo homem era, agora, amigo dos militares.

Reprodução



### Poemas inéditos

Além de “Fabiana”, Geraldo Vandré também publicou outros 15 poemas inéditos no *Correio Popular*. As metáforas da flor e do mar, além da temática da cultura popular e da (sobre) vivência compõem boa parte de seus versos.

“Vida comprida  
É caminho de aprender andar  
Vida vivida  
É viver além  
Não é só lembrar”  
(Cantares I, 21 de setembro de 1991)

“Da riqueza, sem parar, da natureza,  
Altaneira, firmeza e realeza  
Alterosa no chã destas planuras,

Projetada, para sempre, nas alturas  
Da Razão nordestina e brasileira  
Que mais forte não há, nem  
Verdadeira”  
(Estrela do Oriente ou galope à beira-mar, 9 de novembro de 1991)

A maioria dos versos publicados na Capitania não possibilita a interpretação de um engajamento político por parte do autor. O único que deixa resquícios de uma voz de protesto é “São Paulo (Mais que meu Amor)”, publicado no dia do aniversário da cidade. Vandré revela que o escreveu há mais de uma década — portanto, em pleno regime militar. No texto, o substantivo “viola” assume, também, a função do verbo “violar”.

A rosa do povo mora  
dentro do meu coração;  
escuta, bem, que a viola  
viola tua intenção;  
e a rosa do povo mora  
dentro do teu coração  
Se a rosa do povo mora  
dentro do teu coração  
Se a viola que viola,  
viola, da história, o vão,  
ilumina-se a memória,  
fortalece-se a razão  
fortalece a tua história  
dentro do meu coração

De “Marinha, Marina e Marinheira”, escrita em 1975, em tributo à Marinha do Brasil, Vandré publicou apenas a introdução, os 16 primeiros versos. Os demais 33 versos que compõem a canção estão, atualmente, entre os documentos da Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCPC), e falam sobre de um soldado, fugitivo, que traiu e matou a si mesmo.

Guarda aquela palma alvissareira  
Que eu me guardo a vida inteira;  
Cuida que na sombra da palmeira,  
Não se descuide a madeira;  
Aquele janelo de calçada  
Aquele porte, aquela esteira,  
Aquele pendão do mês de junho,  
A flor, o fruto e uma fogueira

É provável que da mesma gaveta de onde Vandré tirou esses 15 poemas, existam inúmeros outros. Do seu primeiro LP (*Geraldo Vandré*, 1964) até o quinto e último lançado (*Das Terras de Benvirá*, 1970) foram gravadas aproximadamente 55 canções. Se continuasse com o mesmo fôlego, Vandré teria acumulado, hoje, mais de quinhentas novas composições.

### Rei da ironia

Gravado na França, no final de 1970, e lançado por aqui apenas três anos mais tarde, *Das Terras de Benvirá* é tido como um dos álbuns mais tristes da música brasileira. Quem ouve os 41 minutos e 57 segundos não acredita que possa pulsar qualquer veia cômica daquele homem de canto choroso. Surpreendentemente bem-humorado em sua coluna, Vandré critica uma reportagem da *Folha de S. Paulo*, publicada em 14 de setembro de 1991.

Segundo o compositor, a reportagem “induz os leitores a uma visão falsa e enganosa da realidade” ao juntá-lo ao grupo do Centro Popular de Cultura (CPC), do qual nega ter participado. Após justificar a recusa, dizendo que não concordava com o caráter propagandístico e panfletário que transcendia as atividades artísticas promovidas pela organização, ele emenda: “Esclarecida, no principal a diferença entre Geraldo Vandré e uma vaca sagrada de qualquer seita partidária da contemporaneidade, vamos adiante”.

É de Vandré, também, frases sarcásticas como “se eu fosse o Roberto Carlos começaria o ano novo cantando: ‘Eu sou o mesmo gato’. Como não sou, começo publicando a íntegra do texto literário de Fabiana, a canção que, este ano, cantaremos todos juntos”. Em outro momento, ele aproveitava para sinalizar um erro frequente — que até escapou em alguns de seus álbuns. “Pra não dizer que não falei de flores (não é das é de)”, corrige.

### Canção jurídica

Embora tenha preenchido de poesias a Capitania, Vandré, em seu discurso, mostra-se mais interessado nas questões relacionadas ao Direito do que

## A Capitania de Wanmar

Geraldo Vandré

## Mordomus ou Casa Maior

Entre 1986 e 1987 provavelmente por causa de Fabiana que já comemorava o seu primeiro aniversário, recebi, no gabinete do doutor coronel Osmond Coelho, diretor do Hospital de Aeronáutica de São Paulo, um honroso pedido do excelentíssimo senhor brigadeiro Sócrates da Costa Monteiro, então comandante do 4º Comar, com sede em São Paulo. O pedido era para que eu escrevesse um hino para o 4º Comando do Ar. Quando cheguei a uma forma literária que me deixava realizado esteticamente, o brigadeiro Sócrates não se encontrava mais no 4º Comar.

Fiz, então, um encaminhamento formal e protocolar do poema-base e, para ser sincero, não sei se tal encaminhamento chegou ao seu conhecimento. Após a sua ida para o Comando Geral do Ar, não nos encontramos mais.

Agora, tratando de recompor a memória de nossa Capitania, alineamos entre os *Cantares*, como o de número 2, o poema escrito, então, que tem o título de: *Da Casa de Anaera e Da Estrela do Sol Nascente*.

*Ser nascente  
em sol poente,  
fibra e flor  
e ser semente  
de um clarão  
num quebra-mar;  
rosa radiosa  
bandeirante e bela  
flora em teu Comar.*

*Serra da garoa  
a esperança ecoa  
neste teu cantar;  
minha fortaleza  
é tua certeza,  
teu querer no ar;*

*Briho das esperas,  
luz das primaveras,  
sonhos de alto-mar;  
montanheza e plana  
alterosa e chama  
em todo sol raia.*

*Pelo amor da tua gente  
ser mais alto e mais ciente,  
mais profundo e se espalar;*



## Sociedade Civil e Sociedade de Direito Civil

Nossa coluna do dia 7 próximo passado levantou um problema relativo à diferença entre *Sociedade Civil e Sociedade de Direito Civil* que parece-nos oportuno recordar esclarecendo.

Sociedade de Direito Civil é aquela que se disciplina e se fundamenta em normas de Direito Civil. O Código Civil Brasileiro é claro e cristalino em seu Artigo 1º: "Este Código regula os direitos e obrigações de ordem privada concernentes às pessoas, aos bens e às suas relações."

A sociedade civil compreende muito mais, eis que não se limita pelos princípios do Direito

às Artes. "Minha prioridade, nestes últimos anos, tem sido uma canção jurídica", ironiza.

Antenado ao noticiário diário, Vandré posiciona-se contra a privatização da Embraer, que, na época, enfrentava uma crise financeira, e reprova os programas de construção de casas populares, tema que começava a ganhar força na pauta das políticas municipais, por temer um processo de concentração demográfica — o que, na opinião dele, "é um verdadeiro genocídio": "Não seria mais humano, assim, desenvolvimentos propriamente dito que se realizassem programas de construção de residências

rurais que devolvessem o Brasil para os brasileiros. Não seria hora, já mais que chegada, de dar um basta neste fluxo progressista que transformou nossas cidades em verdadeiros campos de concentração?"

Ao abordar a greve dos funcionários da Petrobrás, na coluna publicada em 14 de agosto de 1991, Vandré problematiza e aponta as falhas na legislação em assegurar o direito de greve aos servidores públicos. A greve dos petroleiros, que lutavam por reajuste salarial de 370%, já durava quatro dias. A empresa estimava que, por causa da recessão, a produção de combustíveis nas

dez refinarias do país havia reduzido em 50%. Ernesto Weber, então à frente da estatal, chegou a anunciar a demissão de 38 grevistas.

Ex-fiscal da antiga Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab), Vandré toma para si as dores dos funcionários. Para ele, a estatal estava agindo de acordo com as diretrizes de uma empresa privada. "A Petrobrás não é uma empresa particular dentro da qual a moral que move o esforço de produção seja o lucro. Para ser mais rigoroso, lucro não tem moral, mesmo." Ainda no texto, Vandré revela sua infelicidade com relação não só ao governo de então, mas,

também, com o passado político do Brasil, rotulando-se como "o mais subversivos dos seres". "Diante das presunções de governo que se fundamentam em crimes como o Ato Institucional nº5 e nos procedimentos de seus aplicadores, sou subversivo, mesmo. E tem mais: onde estou, estes criminosos não se apresentam, pessoalmente como investidos em funções de governo brasileiro."

Vandré também se manifesta sobre a violação dos direitos o autor. Para ele, o principal inimigo da vida artística é o mercado que, utilizando-se de "meios ilícitos", lucra com produtos culturais rotulados como "proibidos". Depois, como

Geraldo Vandré

# Salvador

## 2-8-1991

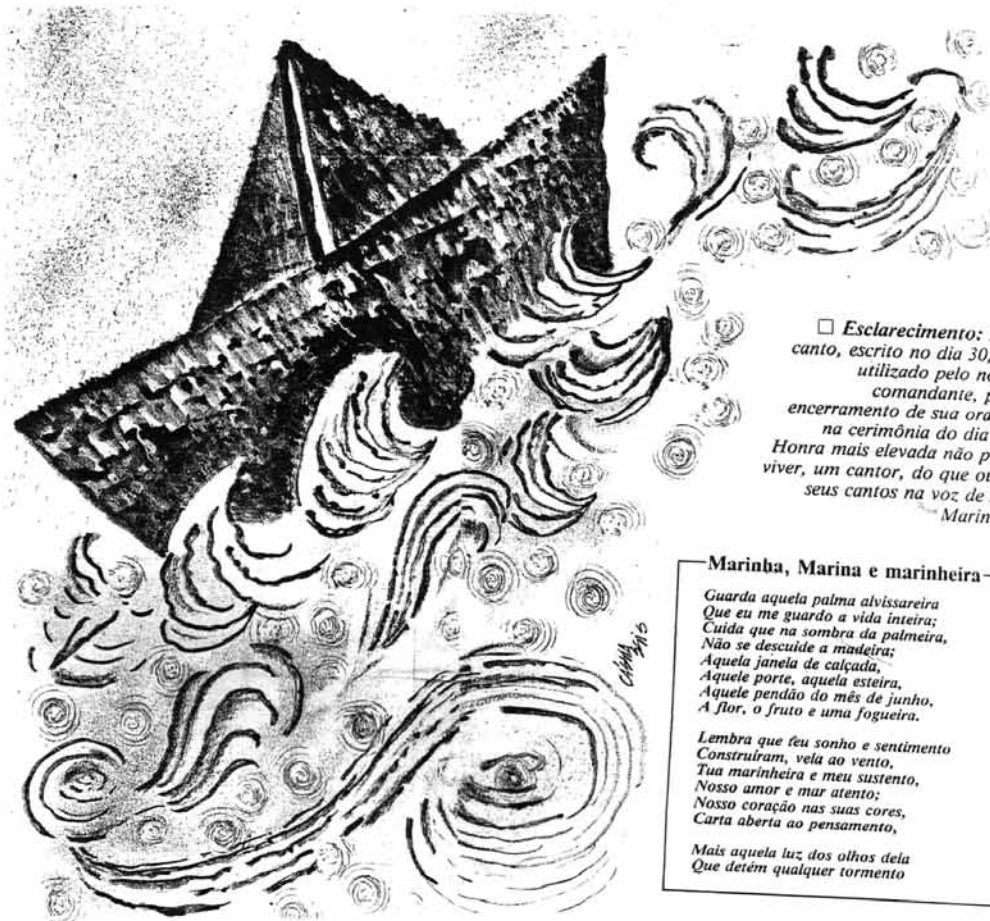
À guisa de diário

**E**stou em Salvador, na Vila da Marinha, no Morro do Gavaza, honrados que fui pelo capitão de mar e guerra, Cláudio José da Matta, nosso anfitrião, imenso amigo, mestre e comandante, em sua passagem de comando na Capitania dos Portos do Estado da Bahia. O novo Capitão dos Portos é o capi-mar, também, Antonio Francisco de Paula Neto.

No entorno, aproveitamos a oportunidade que se me oferece, como sempre, para reflexões a que somente posso chegar, nos tempos e espaços de Marinha.

### ORAÇÃO

*Senhora das águas e das tempestades:  
Velai por mim que parto, agora,  
Ciente somente da certeza  
Que nesta hora invade  
O coração de todas as idades.  
Velai por mim que aqui velei,  
Sem ser humilde, na humildade;  
Que vivi, sem ser vivente da bondade:  
Certeza que somente encontrei  
No ser marineiro da brasilidade:  
Pelô que aqui ficou  
Em todos que ficarem,  
Por tão pouco que fiz  
De tão imensas vontades.*



□ **Esclarecimento:** Este canto, escrito no dia 30, foi utilizado pelo nosso comandante, para encerramento de sua oração na cerimônia do dia 31. Honra mais elevada não pode viver, um cantor, do que ouvir seus cantos na voz de sua Marinha.

### Marinha, Marina e marinheira

*Guarda aquela palma alvissareira  
Que eu me guardo a vida inteira;  
Cuida que na sombra da palmeira,  
Não se descuide a madeira;  
Aquele janela de calçada,  
Aquele porte, aquela esteira,  
Aquele pendão do mês de junho,  
A flor, o fruto e uma fogueira.*

*Lembra que teu sonho e sentimento  
Construíram, vela ao vento,  
Tua marinheira e meu sustento,  
Nosso amor e mar atento;  
Nosso coração nas suas cores,  
Carta aberta ao pensamento,*

*Mais aquela luz dos olhos dela  
Que detém qualquer tormento*

Nota: Escrito em 1975, em homenagem a Marinha do Brasil.

num “ciclo vicioso”, anuncia a liberação dos produtos e lucra novamente com as vendas. Na coluna publicada no dia 7 de dezembro de 1991, ele lamenta o fato de sua obra ter sido “explorada comercialmente”. Simone, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo, Zé Ramalho, Luiz Gonzaga, Tonico & Tinoco e até mesmo a banda Charlie Brown Jr. já interpretaram as canções de Vandré. “Disparada”, “Fica mal com Deus” e “Caminhando” foram as mais regravadas. Nem todos os registros tiveram autorização do compositor.


### Em espécie

Vandré não escrevia apenas por

prazer. A colaboração era remunerada. Por razões administrativas, o *Correio Popular* efetuava o pagamento em cheque, mas o compositor exigia receber em espécie, recusando, também, o pagamento por meio de depósito em conta bancária. “Certo dia, recebi um telefonema do setor financeiro reclamando de que os cheques se acumulavam no departamento. Vandré havia mandado um recado dizendo que não entraria ‘no sistema’”, lembra o jornalista Wilson Marini.

Mas não foi devido a confrontos com o setor financeiro que a colaboração de Vandré chegou ao fim. Segundo Marini, o cantor já vinha dando

sinais de um certo enfado ou dificuldade para manter o compromisso. O derradeiro texto de Vandré foi enviado próximo ao horário do fechamento da edição. O aparelho de fax cuspiu uma folha em branco. Achando tudo muito estranho, Jary Mércio telefonou para ele. “O texto está, aí, sim”, assegurou o compositor. “Olhe direito, não tem um ponto no meio da folha?”, perguntou. Mércio aproximou a página dos olhos e, forçando bem a vista, encontrou o tal ponto. “Esse é o meu texto”, explicou Vandré. Os jornalistas compraram a brincadeira do compositor e o ponto foi publicado em meio ao vazio no

 **Ariádiny Rinaldi** é jornalista. Colabora com os jornais *O Diário do Norte do Paraná*, Estado de Minas e *Correio Braziliense*. Vive em Maringá (PR).

espaço reservado a Capitania de Wanmar, no dia seguinte. “Ele expressou toda a sua genialidade. Era um poema concreto. Concreto como seu próprio ser”, defende Mércio.

Menos inclinado a poética estética do ponto de Vandré, Marini entende a atitude do músico como uma provocação aos leitores: “Acho que ele gostaria de saber como as pessoas reagiriam àquilo. Outros colegas deduziram que ele não conseguira escrever o texto à tempo e encontrou um jeito de resolver seu incômodo diante da tarefa assumida. Depois disso, ele abandonou a coluna. Nunca mais vimos Vandré”. ■

# Vinte anos sem (com) Marcos Prado

Roberto Prado lembra dos anos de convivência e das parcerias com o irmão, morto em 31 de dezembro de 1996

## Primeiro tempo

### A Lata de Luxo

Um dia fui à casa da minha mãe, Nadyr do Prado, localizada no mitológico Bacacheri, o bairro mais bem guardado do Brasil. Explico melhor. Neste recanto curitibano estão a base aérea, o CINDACTA 2, o Material Bélico, o Aquartelamento da Ponte do Bacacheri, o Hotel de Trânsito, o gigantesco Vigésimo Batalhão de Infantaria Blindado (o famoso Vinte Bibe) e a casa do cartunista Luiz Antônio Solda.

Pois bem. Aproveitando a deixa, fui visitar o meu irmão Marcos que, nesta época, como todo marmanjo enxotado pela esposa, voltara ao lar materno — habitava então um singelo “puxadinho” nos fundos da casa da dona Nadyr.

Não lembro qual das malvadas havia cometido esta barbaridade com um rapaz tão bom, marido exemplar e que havia cunhado, entre outras pérolas da vida a dois, a prima definição “o sofá é o melhor amigo do homem”.

A mãe costumava dizer às noras de todos os rebentos: “Quer levar, mesmo? Não aceito devolução”.

Mas, acabava recolhendo os enfeitados e seus caquinhos.

O mano dividiu espaço, por algum tempo (até partir para novas aventuras) com as indefectíveis tralhas que, tradicionalmente, ocupavam 82,5% da metragem útil do aposento (esta palavra deriva de “local de aposentadoria de móveis e objetos”? Pena que o Leminski não está aqui para explicar).

A coisarada era ali socada para — sabe-se lá — quem sabe um dia. Mas como esse santo dia nunca chegava, permanecia estocada — ao menos nas casas dos antigos, pois essa juventude de hoje não respeita mais nada e é bem capaz de tacar no lixo a ossada do avô!

O que eu estava contando, mesmo? Ah, sim, entrei no quarto do meu irmão, desviando o impressionante volume de livros e cinzeiros que ele havia conseguido acrescentar ao já populoso ambiente. Rindo de pura satisfação, ele imediatamente me passou uma folha manuscrita e, sobraçando uma antiga lata de lixo que, partir deste momento solene virou um tambor, me apresentou a sua mais nova canção, um samba quase Adoniran.

Aliás, poucos sabem que o Marcos Prado, além de parceiro letrista de um seletto grupo de lendários músicos, também arriscava lá as suas melodias solo. Algumas vezes ao violão. Outras a capela, ou ao estilo Lamartine Babo — só com percussão — quando a harmonia exigia mais que sua felina habilidade no instrumento de corda que ele arranhava com tocante elegância. Dizia assim:

Enfim sós  
(Marcos Prado)

acabou, que pena  
nosso amor se transformou  
num bar com meia porta  
as cadeiras sobre a mesa  
eu torrado e você torta  
— —  
cada um pro seu lado  
a madrugada vazia  
você em sua carruagem de princesa  
eu com um pé na frente e outro atrás  
nos dois a mesma tristeza

Talvez algum dia alguém tenha dó da gente e grave essa canção inédita. Esse luxo nascido da parceria entre um grande coração e uma lata de lixo,

no fundo de um quintal do Bacacheri, Curitiba, Paraná, Brasil.

## Segundo tempo

### O Fim é Um Bom Começo

O tempo passou esse tempo todo fingindo se arrastar no marasmo, em clima de pesadelo. Cada bilionésimo de segundo pingando penosamente de uma torneira frouxa ou escorrendo invisível de uma privada desregulada. De repente, me dou conta que ele, o tempo, esse ente que não existe, na verdade não ras-teja: voa pelo espaço. E atropelado pela vertiginosa sucessão de janeiros, me caiu na cabeça, de uma vez só, a consciência de que já se foram quase 20 anos desde a morte do meu irmão mais novo, o Marcos Prado. Partida que quebrou a trajetória de um artista com pilha, pique e tesão para mais 60 anos de estrada, no mínimo. Doeu? Ainda dói.

Parece que foi ontem, parece que foi nunca, não se parece com nada aquela sangria desatada. Eu chegando lá com Léa, a esposa dele, no pronto socorro do Hospital Cajuru, em Curitiba, para uma alucinada sequência de cenas que até hoje reprisam, enevoadas na mente.

De vez em quando me pego lutando, na memória, para que o desfecho seja diferente. Mas acontece que, sem darem a mínima para a minha opinião, quiseram os deuses e as musas da poesia que ele fosse convocado, no réveillon de 1996, para rerepresentar-se no lugar onde nasce o tempo.

Lembro bem que eu e Marcos crescemos escrevendo juntos, desde sempre (nisso o tempo não me engana). Duas crianças lendo alto, cantando, parodiando, debochando, desmontando todos os brinquedos literários que nos caíam nas mãos, pelo complicado prazer de ver como eram pelo lado de dentro.

Para nós, isso era a vida, nem sabíamos que era batuque, música, poesia.

O Marcos teria hoje os seus 54 anos de idade. Um inimaginável senhor, um senhor poeta que levou embora seu incontrolável carisma e contagiante alegria de viver, mas deixou uma obra que resiste sem perder cor, aroma, frescor, sabor. Poesia, música e atitude que as novas gerações abraçam como se fosse delas. E é mesmo.

Personalidade inquieta, talento múltiplo, artista explosivo, Marcos foi um dos expoentes de uma geração de santos guerreiros e malucos de pedra, artistas de todos os naipes que batalharam sozinhos ou em bando para tirar a

cidade de sua mórbida timidez, sonhando dar a ela um ar mais moderno, alegre e cosmopolita. Gente que dedicou o melhor de suas vidas, no mais das vezes sem nenhum retorno além da própria satisfação, para imprimir sangue e vida ao triste ambiente cultural curitibano. Ambiente que, vendo hoje, você pode imaginar remotamente como era no tempo das diligências. Por essas e por muitas outras que você, pesquisando, vai descobrir, acho que o Marcos Prado ainda está por aí. Começando pelo fim.

#### Prorrogação

#### **Um inédito de Marcos Prado**

**Roberto Prado** nasceu e vive em Curitiba (PR). É poeta, tradutor, publicitário, jornalista e autor de canções gravadas, entre outros, por Carlos Careqa, Oswaldo Rios, Sidail César, Tatára, José Oliva, Thadeu, Adriano Sátiro, Beijo aa Força, Maxixe Machine, Lábia Pop, Ferryboat, Missionários, Grupo Fato e Viola Quebrada. É autor de diversos livros de poesia, prosa e tradução. Seu mais recente lançamento é o áudio-livro *Presença de espíritos* (2014), na interpretação de Antônio Abujamra, com versões de poemas fundamentais da literatura universal.

Reprodução



No sentido horário, os poetas Roberto Prado, Sérgio Viralobos, Thadeu Wojciechowski e Marcos Prado.



## QUE BOTIJÃO A PARIU?

1

gorda  
dizem que me chamou de vagabundo  
pela enésima vez

saiu banha dos meus olhos quando  
soube

como escorre sua menstruação oleosa  
e seu corrimento  
meus olhos derreteram nesta tarde  
por sua causa, porca máter

obesa  
você me chama de vagabundo  
de inútil e aproveitador  
me conte uma história boa, suína  
algo que justifique sua vida mesquinha  
e que solte o seu rabo colesterolizado

gorducha  
eu te conto uma história  
que entra dentro de uma história  
que explica uma história  
que eu ainda não contei  
como não conto com você, pelancuda

2

dragão  
faço do teu nariz  
tomada  
do teu bafo  
gasogênio  
da tua bosta mole  
metano

qual foi  
o seu trabalho  
neste mundo  
javali fêmea?

onde estão os seus méritos?  
fritando alguém?  
refogando algo?  
ensebando quem?

3

sou vagabundo  
mas eu posso contar a sua história  
bucho  
placa de costela gorda  
na boca de bebedor de cerveja  
jogando truco  
com o pessoal do almoxarifado

as estrias  
a celulite  
as cartucheirinhas  
provam que você  
trabalhou demais  
coisa balofa

Ilustração **Richard Bischof**



## O DIA EM QUE O POETA DESCOBRIU QUE NÃO ESTAVA MORTO ENTRE UMA PÁ DE TERRA E OUTRA


perdido, estou perdido / perdido o ritmo e a rima, perdido / nenhum achado, ideia, sentido / ando como se de nenhum lugar tenha saído por a lugar nenhum ter ido / se me aparecem símbolos, virgulo / se fatos, pontuo / não me sinto mais o coitado que bebeu o conteúdo / nem como o herói que não conseguiu se salvar, contudo / duvido de quem acredita na vida / detesto quem acha essa passagem um teste / falso quem acha tudo uma farsa e faz do mundo um pasto / estou entre quatro

paredes em um universo infinito / cheio de verdades afasto a cortina e minto / conheço gente de todo o tipo / não sei o que é pobre, médio ou rico / alguns consideram caro serem ricos / outros uma graça serem pobres / dos médios, desisto / olhando para trás acho um desatino / ser ninguém meio a tanto destino / não modifiquei nada, nem mantive / sempre morri de rir de quem vive / a morte hoje comigo sobrevive / fugi de todos os compromissos com meus dois cérebros omissos / gostei de algu-

mas pessoas de que esqueci o nome / odiei outras que desejaria além dele o sobrenome / quando passei bem, lembrei que deveria passar fome / é, eu não li a vida como você está vendo / não sou eu quem está escrevendo? / ainda bem que você não está lendo

cadela vira gata  
alquimia  
vira lata  
(Roberto Prado e Marcos Prado)



 **Marcos Prado** nasceu e morreu em Curitiba (1961 – 1996). Foi poeta e compositor. Teve letras gravadas pelo grupo Beijo AA Força nos discos *O que me quer o Brasil que me persegue* (1987), *Música ligeira nos países baixos* (1993) e *Sem suíngue* (1996). Parte de sua obra poética foi publicada na coletânea *Ultralyrics* (2006). Os poemas publicados pelo **Cândido** foram gentilmente cedidos por Roberto Prado, irmão do poeta.

# Clássicos obrigatórios

Com um livro de memórias recém-lançado, o guitarrista fala de sua formação literária baseada em grandes autores da literatura brasileira e mundial

OMAR GODOY

Dado Villa-Lobos acaba de engrossar a fileira dos músicos brasileiros que se enveredaram pelo mercado editorial. A exemplo de figuras como Lobão, Marina Lima, Kleidir Ramil (da dupla com Kleiton), Erasmo Carlos e Humberto Gessinger, entre outros, o guitarrista também está com um livro na praça: *Memórias de um legionário* (editora Mauad X), escrito por ele com a colaboração do historiador Felipe Demier e Romulo Mattos. “É um novo modelo de negócios, pois a vida do músico não está fácil”, brinca, tentando explicar essa tendência dos últimos anos.

O projeto foi uma ideia de Demier, fã da Legião Urbana e companheiro de pelada de Dado. Mas só se consolidou algum tempo depois, com a entrada de Mattos, que sugeriu uma produção a seis mãos — os historiadores cuidariam da pesquisa e organização do material, enquanto o músico se concentraria apenas em contar suas histórias. Empolgado com a leitura de *Life* (livro de memórias de Keith Richards,

dos Rolling Stones) e confortável na condição de narrador, o “legionário” enfim topou a empreitada.

“O processo foi intenso e demorado, mas divertido. Achei bacana para mim e para os fãs. Quem sabe agora não posso partir para a ficção, talvez escrever alguns contos?”, diz. Influências, segundo ele, não faltam. Filho de uma artista plástica e de um diplomata que tocava piano clássico, Dado Villa-Lobos foi estimulado a ler desde pequeno. “O ambiente em casa sempre foi cheio de livros. Das enciclopédias a Monteiro Lobato, passando por Jorge Amado, Molière, Sartre, Poe, García Márquez. Também lembro dos quadrinhos da Mafalda, Asterix, Tintim, Tio Patinhas.”

Edgar Allan Poe foi o primeiro autor que realmente o impressionou, a partir de uma coletânea de contos com tradução francesa de Charles Baudelaire (Dado viveu em Paris durante parte da infância). “Eram histórias de terror muito reais e possíveis”, lembra o guitarrista. Outro nome fundamental

dessa primeira fase de leituras é Jean Baptiste-Poquelin, o Molière. “Obras como *O doente imaginário*, *O avaro* e *Escola de mulheres* me fizeram procurar outras peças de teatro, como *O rinoceronte*, do Ionesco, e *As moscas*, do Sartre.”

De volta ao Brasil, o músico passou a se interessar pelo que chama de “clássicos obrigatórios”. Incentivado pela escola, leu com gosto Lima Barreto, Jorge Amado, Machado de Assis e outros autores canônicos nacionais. “Lembro de ter adorado *Triste fim de Policarpo Quaresma*, do Lima Barreto, que minha turma toda leu e depois discutiu em sala de aula. Nessas oportunidades, alguém invariavelmente dava uma dica interessante, como o *Cem anos de solidão*, do García Márquez. Assim, eu fui lendo tudo o que chegava pela escola, pelos amigos, pais, irmãos”, conta.

Esses caminhos o levaram a Dostoiévski, um de seus escritores preferidos. “Quando li *O idiota*, percebi que a linguagem das telenovelas estava toda ali. Fiquei impressionado e

parti para *Noites brancas*, *O jogador*, *Os irmãos Karamazov*. Nessa mesma época, tive a fase ‘romance policial’, que adoro até hoje. Sou fã de Dashiell Hammett, Raymond Chandler, Chester Hime e, claro, Agatha Christie”, revela.

Rubem Fonseca também acaba entrando na conversa, já que Dado compôs a trilha do filme *Bufo & Spallanzani* (2001), baseado na obra do autor mineiro nonagenário. “Já conhecia *O selvagem da ópera* e *Agosto*. Mas foi só depois do *Bufo* que comecei a ler os contos, todos sensacionais. Tive a sorte de estrejar na música para cinema tendo uma história do Rubem como fonte de inspiração”, afirma.

Saindo do terreno dos clássicos, o guitarrista cita autores contemporâneos como Will Self, Ian McEwan, Michel Houellebecq e Amélie Nothomb. Entre os brasileiros, acompanha a produção de Luiz Alfredo Garcia Roza, Marcelo Rubens Paiva e Fausto Fawcett, seu parceiro musical e amigo particular. “O Fausto é uma fonte inesgotável da



Divulgação



Dado Villa-Lobos acaba de lançar seu primeiro livro, *Memórias de um legionário*, escrito em parceria com dois historiadores.

filosofia do comportamento humano radical. Sempre discutimos a obra dele. Seu livro *Favelost* é ficção/premonição pura”, define.

Sobre Renato Russo, Dado se limita a contar que os dois às vezes conversavam sobre literatura e trocavam indicações. “Ele me deu de presente uma edição em francês de *A montanha mágica*, do Thomas Mann”, diz. Como se sabe, o título do livro batizou uma faixa da Legião Urbana presente no álbum *V*, lançado em 1991.

Em tempo: a entrevista foi realizada dias antes de o Supremo Tribunal Federal decidir pela liberação de biografias não autorizadas previamente. Questionado sobre o assunto, o músico se mostrou totalmente favorável à liberdade para a pesquisa e publicação desse tipo de obra. “Devo muito a autores como Ruy Castro, Paulo César de Araújo e Nelson Motta, que registram parte importante da nossa história em seus livros. Para mim, não faz sentido esse cerceamento. Que liberem, por favor!” ■

# Os bastidores da vida literária

A correspondência entre escritores é cada vez mais utilizada nos estudos literários e ajuda na compreensão de temas que aparecem no período em que narrativas e poemas foram produzidos

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Fernando Sabino e Otto Lara Resende. T.S Eliot e Ezra Pound. Rubem Braga e Vinicius de Moraes. Goethe e Schiller. Paulo Leminski e Régis Bonvicino. Clarice e Elisa Lispector. Todos os autores mencionados trocaram cartas. Alguns até com mais de um interlocutor. Mário de Andrade, por exemplo, se correspondeu com inúmeros amigos, de Câmara Cascudo a Tarsila do Amaral. E o conteúdo dessas correspondências adquire, cada vez mais, valor — inclusive para os estudos literários.

O professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Pedro Theobald afirma que, durante anos, as informações das correspondências entre escritores foram desprezadas pelos estudiosos — consideradas inúteis para o estudo da produção literária. “Acreditava-se que era adequado manter uma separação rígida entre o que a pessoa era e o

que produzia. Hoje, no entanto, percebe-se que praticamente nada é desprezível, as informações mais ínfimas podem servir não só para documentar a biografia de um autor como também esclarecer o seu processo de criação, a gênese de sua obra”, diz.

Já a professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Diana Junkes Bueno Martha observa que não se deve ler uma obra em função da história de vida do artista. Mas, pondera a estudiosa, as cartas são um rico material tanto para a realização de pesquisas como para compreender a biografia dos escritores: “Por meio de cartas são revelados projetos da obra, reflexões sobre a literatura e a arte. A partir da interlocução entre escritores é possível, muitas vezes, compreender ideários estéticos de modo amplo.”

O professor da Universidade São Paulo (USP) Marcos Antonio de Moraes comenta que as cartas, principalmente



Lasar Segall / Reprodução

Mário de Andrade recebeu 7 mil cartas e fez da correspondência um meio para afirmar o modernismo brasileiro.

a partir dos românticos, mostram que os autores começavam a ter consciência da figura do escritor na sociedade — a necessidade de ser reconhecido publicamente aparece, por exemplo, na correspondência entre Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo.

Moraes destaca o esforço de Castro Alves em busca da consagração. Em 1868, o poeta pernambucano vai ao Rio de Janeiro, procura José de Alencar, para quem apresenta alguns de seus textos. Alencar publica carta aberta em um jornal e, em segui-

da, Machado de Assis também elogia publicamente Castro Alves. “A correspondência de Castro Alves mostra como ele se movimentou para conseguir divulgação. O poeta, como tantos autores, fazia muita política literária”, comenta Moraes.

#### **Gigantismo epistolar**

Mário de Andrade recebeu 7 mil cartas, das quais Marcos Antonio de Moraes reuniu mais de duas mil, algumas com mais de 60 páginas. “A partir do modernismo, a carta deixa de ser, por

“A partir do modernismo, a carta deixa de ser, por exemplo, algo vazio ou um mero gesto de cordialidade. A correspondência de Mário de Andrade revela o esforço para afirmar uma geração. Ele utilizou as cartas como uma forma de legitimar o modernismo.”

**Marcos Antonio de Moraes**, professor da USP



As cartas de Castro Alves mostram que ele se movimentou em busca de reconhecimento público.

exemplo, algo vazio ou um mero gesto de cordialidade”, afirma Moraes, que fez mestrado e doutorado sobre o assunto e atua no Instituto de Estudos Brasileiros na USP, onde está à frente de pesquisas sobre o acervo de escritores.

As cartas escritas pelo autor de *Macunaíma*, ressalta o pesquisador da USP, revelam dedicação e cuidado com a escrita. Na correspondência que enviou dia 26 de setembro de 1924 para Câmara Cascudo, Andrade discute algumas questões com o interlocutor, entre as quais a pertinência, ou não, de publicar crônicas em forma de livro: “Crônica é pra jornal. Livro é uma concepção mais inteiriça e completa. As suas crônicas ficaram muito bem num jornal. Em livro a maior parte delas perde 90% da graça e oportunidade.”

Em carta destinada à Tarsila do Amaral, com a data de 15 de novembro de 1923, Andrade faz restrições à amiga e aos colegas modernistas que, naquele contexto, estavam na Europa: “Vocês se parisiанизaram na epiderme. Isso é horrível! Tarsila, Tarsila, volta para dentro de ti mesma. [...] Abandona Paris! Tarsila! Tarsila! Vem para a mata-virgem.”

Marcos Antonio de Moraes analisa que Mário de Andrade usou as cartas para, bem mais que estabelecer diálogo, criar e consolidar o projeto do modernismo. “A correspondência dele revela o esforço para afirmar uma geração. Mário de Andrade utilizou as cartas como uma forma de legitimar

o modernismo”, comenta Moraes, que conquistou Prêmio Jabuti com os livros *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira* (2000) e *Câmara Cascudo e Mário de Andrade — cartas 1924-1944* (2010).

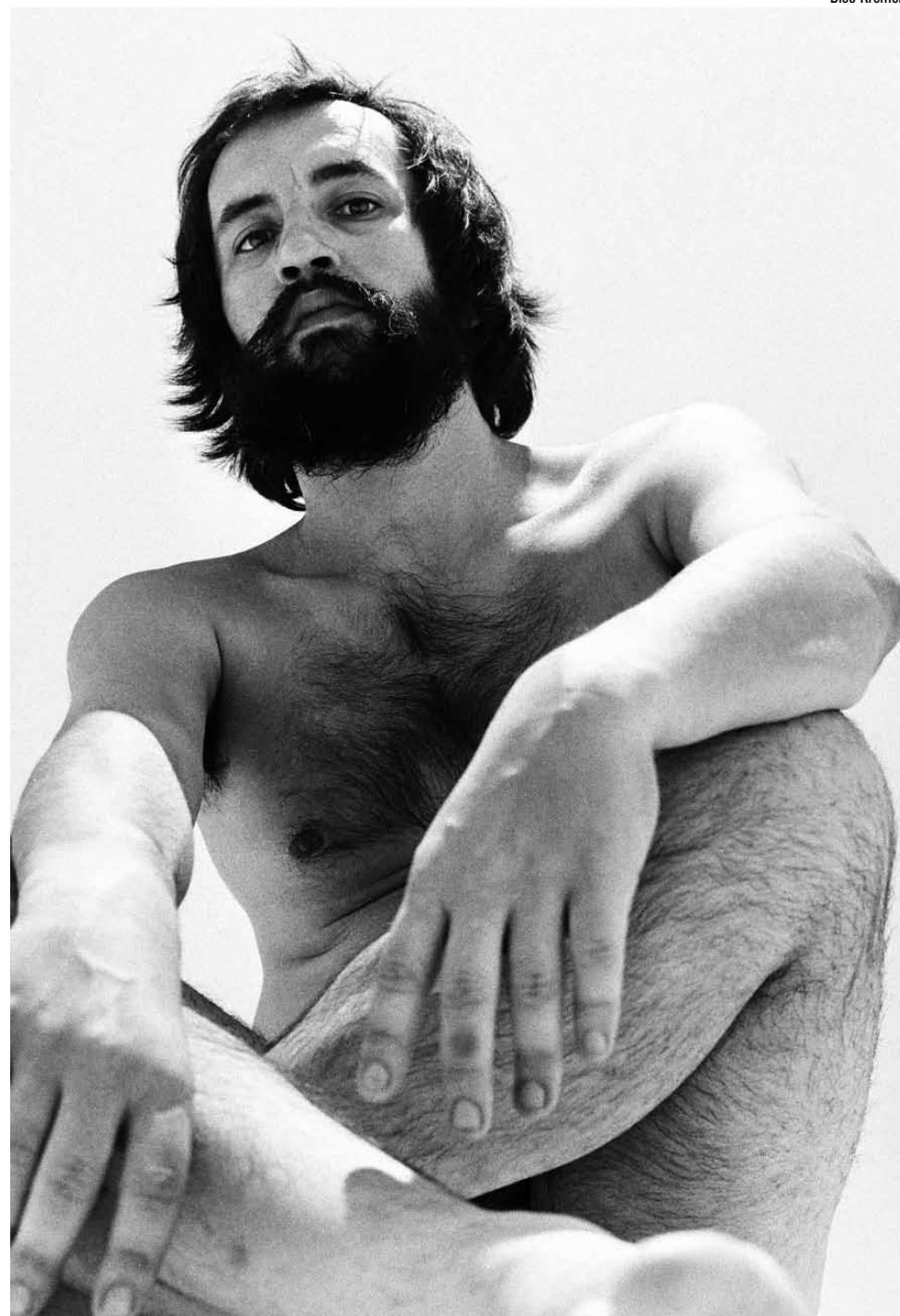
### Escreveu, é pra publicar

Moraes acredita que o interesse, contínuo e crescente, de pesquisadores e do público leitor pelo conteúdo das correspondências de escritores tem explicação: “Literatura é processo. O livro é o resultado final e as cartas revelam questões pouco conhecidas, como intenções, negociações e tensionamentos.”

Monteiro Lobato, o primeiro escritor brasileiro a publicar a própria correspondência, tinha noção de que haveria leitores para o diálogo escrito e, em um primeiro momento, privado entre autores. Em *Barca de Gleyre* (1944) estão reunidas algumas cartas que Lobato trocou com o amigo escritor Godofredo Rangel.

Na mensagem escrita dia 8 de julho de 1921, o autor do *Sítio do pica-pau amarelo*, e também editor, faz uma sugestão, comercial, ao interlocutor: “Rangel, a publicação dos teus contos virá melhorar a saída do romance, de modo que é mais comercial imprimi-los agora do que depois. E não te incomodes com a parte econômica do negócio — se dá ou não dá lucro para a casa. É coisa que não tem a mínima importância. O importante é que você vá se imprimindo e imprima-se todo — nem que o editor leve a breca.”

Dico Kremer



As cartas que Paulo Leminski escreveu e enviou para Régis Bonvicino podem ser lidas como poemas.

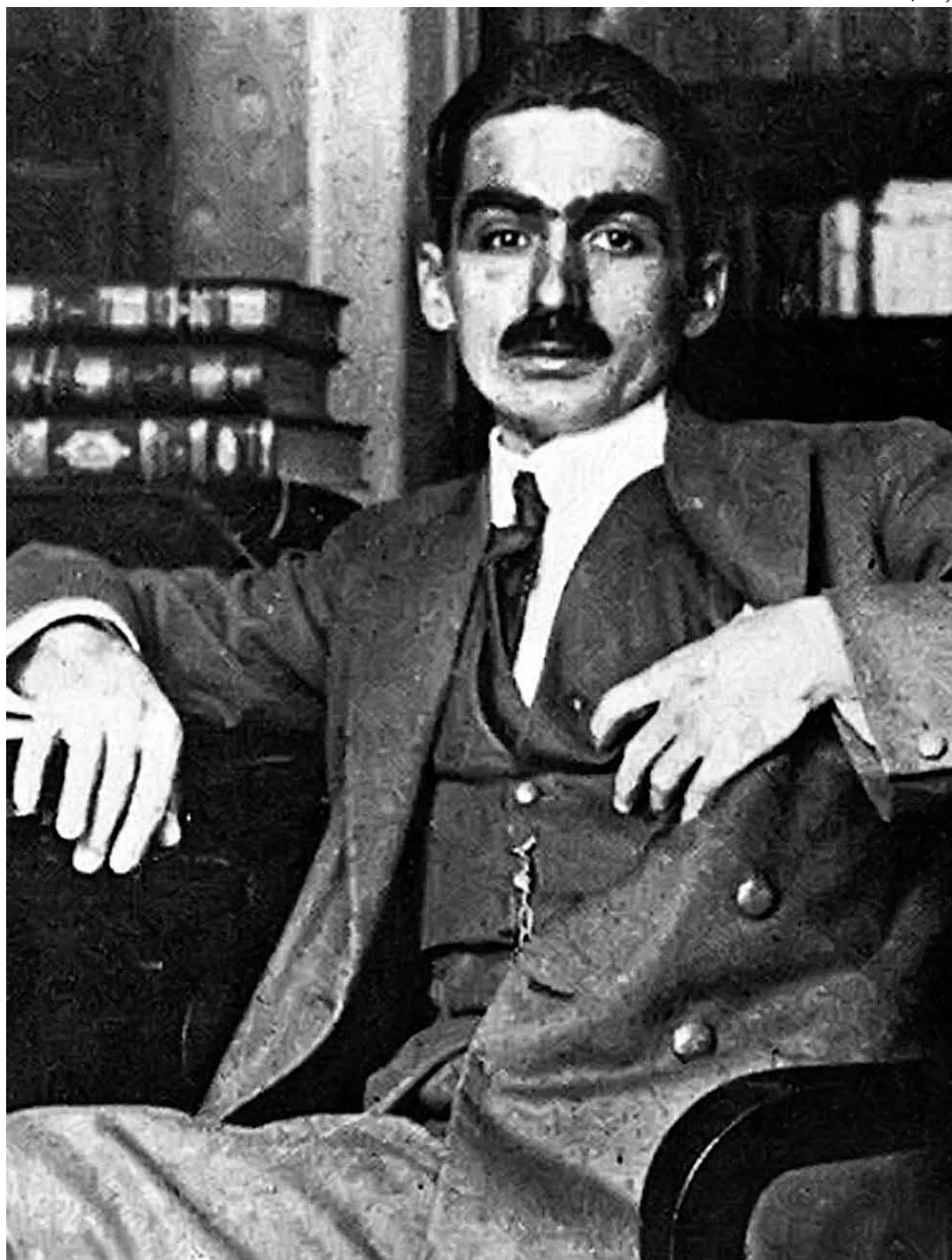
Os escritores, principalmente a partir da década de 1970, sabiam, com clareza, que escrever, e enviar, uma carta não é um gesto banal — o material tende a ficar para a posteridade. Se Ana Cristina Cesar confessou que ao produzir correspondência ela quase tinha de renunciar à própria literatura (apesar de a produção em prosa e poesia da autora flertar com o texto epistolar), Paulo Leminski elaborou cartas, as enviadas a Régis Bonvicino, que podem ser lidas como poemas.

Paulo Theobald, da PUCRS, diz que, em alguns casos, a carta acaba por se transformar em uma extensão do trabalho literário, pelo fato de o autor desenvolver em sua correspondência o mesmo estilo de sua ficção ou poesia. “Às vezes, aparecem nas correspondências as mesmas imagens presentes nos textos publicados. Um exemplo disso é o Caio Fernando Abreu. Estudos estão revelando esse fato, recorrência de imagens, em suas cartas e crônicas”, afirma Theobald.

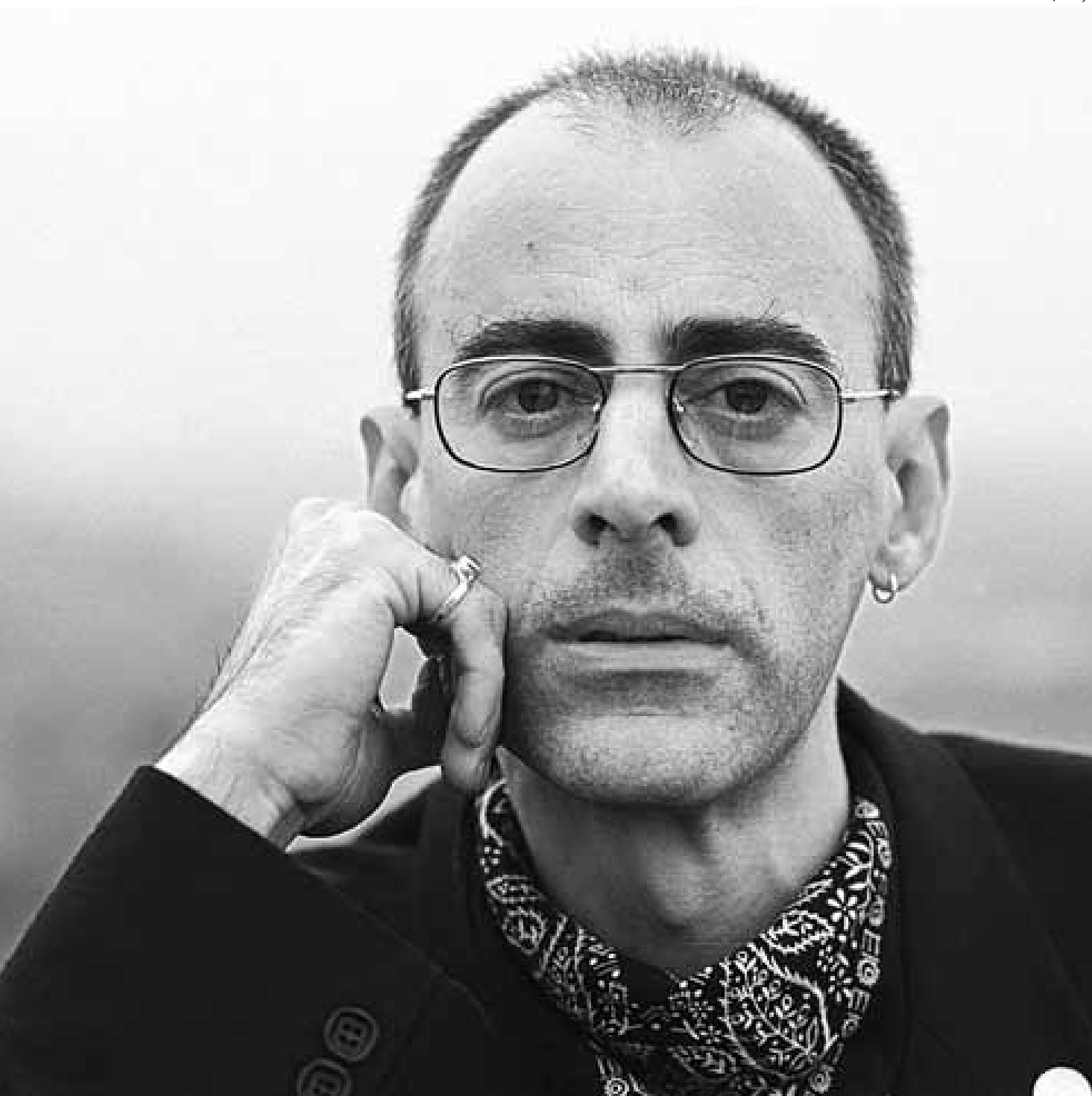
### **E-mail, Face & blog**

Pesquisas apontam — e é preciso ressaltar — que a onipresença das redes sociais no cotidiano estimulou a comunicação escrita entre as pessoas. “Ainda não conheço estudos sobre como isso afetou a correspondência entre os escritores. O que podemos afirmar é que ela [a troca de informação entre autores] continua, mas não ficou imune ao processo: tornou-se mais fácil corrigir as próprias cartas

Reprodução



Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a publicar a própria correspondência.



Reprodução

sem deixar vestígios, armazenar cópias, mas certamente as cartas, agora e-mails, também se tornaram mais fragmentárias”, afirma Theobald.

O pesquisador da PUCRS acrescenta que, aparentemente, os escritores em atividade antes do advento da internet, por levarem mais tempo na elaboração de suas cartas, eram mais cuidadosos quanto ao estilo: “Isso é verdade até certo ponto. Para escrever bem, até mesmo comunicar-se — pois essa é a principal função da carta, do e-mail — é preciso despender um certo tempo no planejamento do que será escrito.”

Diana Junkes Bueno Martha, da UFSCar, tem a impressão de que a internet cria meios mais ágeis de comunicação. “O e-mail permite, ainda, a manutenção de certo estilo, o que poderia levar a pensar que as cartas continuam sendo trocadas, mas com um suporte diferente”, diz. Já o Facebook e outros modos de comunicação, como, por exemplo, o Skype, de acordo com Diana, tornam a comunicação ainda mais ágil e exigem brevidade.

“Ambos [Facebook e Skype] permitem a comunicação síncrona, como as troca de mensagens ou mesmo as chamadas com vídeo. Não creio, porém, que haja prejuízo em termos dos conteúdos das mensagens. Penso que o teor das informações, a qualidade do texto e os vínculos entre os correspondentes se mantêm de modo muito parecido, sobretudo no e-mail. É importante sublinhar que o diálogo permanece, sofrendo, naturalmente, as transformações impostas pelos novos modos de comunicação”, afirma a professora da UFSCar. ■

Estudos apontam que imagens das crônicas de Caio Fernando Abreu se repetiam em algumas cartas que ele escreveu.



## EXIGÊNCIAS PARA EDITAR CARTAS EM LIVRO

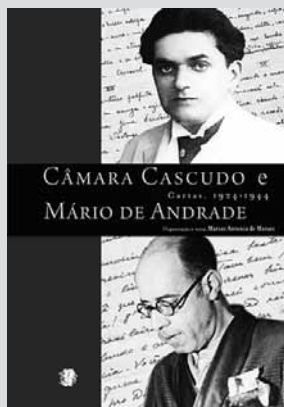
Dia 14 de agosto de 1931, Mário de Andrade enviou uma carta para Câmara Cascudo. Começava da seguinte maneira: “Cascudinho, bom dia. Acabo de devorar o tudo mandado, carta, charuto de Álvares e mais o Ensaio. Este é simplesmente magnífico e fico a me lamber de gratidão.” A correspondência traz outros comentários.

Em 2010, Marcos Antonio de Moraes publicou *Câmara Cascudo e Mário de Andrade – cartas 1924-1944*, livro que traz a mensagem mencionada anteriormente. Mas, além do texto escrito por Andrade, Moraes também incluiu, ao final da carta, algumas informações: “Carta datada: ‘S.Paulo, 14-VIII-31’; datiloscrito, fita preta; autógrafo a tinta preta; papel jornal; 1 folha; 32,2 X 21,9 cm; rasgamento nas bordas esquerda e direita; rasgamento por oxidação de tinta; furo parte superior.”

Todas as correspondências reunidas na obra trazem informações similares.

“É importante fazer isso, descrever a carta, para que o leitor possa, de fato, ler a correspondência. Se havia um rabisco, é preciso contar”, afirma Moraes. “Trata-se de um esforço para proporcionar o máximo de informações sobre como aquela troca de mensagem aconteceu”, completa.

O professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Alvaro Santos Simões Junior observa que, ao publicar um livro com a correspondência entre dois autores, é necessário entrar em contato com os herdeiros de quem enviou e de quem recebeu as cartas. “Além disso, se houver outras pessoas citadas, elas, ou os seus representantes, deverão ser consultadas antes da publicação”, diz Simões Junior.



Reprodução



## TODO ESCRITOR ESCREVE E ENVIA CARTAS?

A convite do **Cândido**, Diana Junkes Bueno Martha, professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), responde a pergunta: escrever, e enviar carta, é prática recorrente entre escritores?

“Não sei se poderíamos dizer que enviar e receber cartas é algo inerente à condição do escritor, mas certamente podemos dizer que são gestos comuns entre muitos escritores e que as cartas constituem parte importante de sua produção, seja por revelarem opções estéticas, preocupações com os caminhos da arte e da própria atividade do escritor, como aspectos de suas biografias.

Praticamente todos os escritores trocaram correspondência, dos mais renomados aos menos conhecidos. As correspondências de Jorge Amado, Clarice Lispector (foto), Guimarães Rosa, Fernando Sabino, por exemplo, são amplamente estudadas. As cartas eram dirigidas para outros escritores, artistas, intelectuais, ou mesmo familiares.

As cartas entre escritores são comuns em toda a literatura. E remontam muito tempo atrás. Padre Antônio Vieira, foi autor de mais de 500 cartas. São importantes as cartas de Cláudio Manuel da Costa, dos escritores românticos e de Machado de Assis. O teor, entretanto, varia. As discussões estéticas são comuns a partir do romantismo, quando a própria ideia da concepção artística como trabalho criativo em detrimento de uma concepção da arte como inspiração passa a ganhar relevância — essa discussão, por meio de cartas, culmina entre os modernistas.”

**O** Cândido publica com exclusividade duas cartas de Wilson Bueno endereçadas a João Antônio, no começo dos anos 1980. O material foi gentilmente cedido por Luiz Carlos Pinto Bueno, depositário do acervo do escritor paranaense. Está em curso um acordo entre os herdeiros dos dois autores para que a correspondência entre Bueno e Antônio seja reunida.

Re-verdes tingui, 3/JAN/84

João Antônio. Amigo muitíssimo.

Acertado o reinício da sempre ingente batalha pela subvida, em 15 de dezembro larguei-me cá deste mocó para Flórida nópolis. Aqui recém-chegado ( dia 2, ontem) topei com suas sempre generosíssimas remessas. Obrigado muito pela costumeira atenção. *(Preciso lhe devolver a 2ª vez de conta)*

Fico feliz que tenha aproveitado, supinamente reescrito, o trecho que passa a integrar a página 8 do seu conto de Natal. Aquilo ali é mesmo comovente. Em minha humilíssima opinião, de todos os títulos ficaria apenas com dois: "Pedago de Marianita" ( a lembrar os grandes títulos de Aníbal Machado) ou "Balada de Gaivotas, de Bolhas Douradas e da Cachorra Tatiana". Nenhum outro, sinceramente, ~~nenhum~~ me bate mais na entranha que estes dois.

Ainda antes de viajar andei aqui, febril e ensandecido com o "Sete Noites", de Jorge Luis Borges, que me levou, de tabela para a leitura de Dante, Platão e até mesmo De Quincey ( traduzido por Baudelaire - "Memórias de um Comedor de Ópio"). E, loucura das loucuras, tudo acabou se bifurcando - e finalizando o delírio - na reeleitura ( terceira) dos dois volumes de "Memórias do Cárcere". A mais fina, forte, máscula e viril lição de humanidade <sup>que conheço!</sup> uma humanidade suja de si mesma, certo, mas ô que humanismo vero e fero o deste mestre insuperável das Alagoas!...

Agradeço e retribuo os votos muito sinceros de que em mais este ano, possamos ser dele sobrevivente, como aconteceu com o fatídico 1983. Que o santo de sua devoção, Santo Antônio da Batalha, lhe dê a citada energia para o trabalho e a igual fraca esperança.

Mandei a Duílio Gomes alguns cometimentos poéticos. Se conseguir furar o duríssimo bloqueio da neurose que me paralisa frente a qualquer papel em branco, escreverei, enfim, o "Píngente em Bronze". Idéias há muitas. Andei relendo seu "Dedo Duro" e considero "Paulo Melado do Chapéu Mangueira Serralha" coisa definitiva.

Com recomendações a Tereza, a guardiã deste inquieto espírito macunaímico, o teu, sempre,  
Wilson Bueno

Re-verdes tingui, 3/ JAN/ 1984

João Antônio. Amigo muitíssimo.

Acertado o reinício da sempre ingente batalha pela subvida, em 15 de dezembro larguei-me cá deste mocó para Florianópolis. Aqui recém-chegado (dia 2, ontem) topei com suas sempre generosíssimas remessas. Obrigado muito pela costumeira atenção. (Preciso lhe devolver a 2ª versão da carta).

Fico feliz que tenha aproveitado, supimpamente reescrito, o trecho que passa a integrar a página 8 do seu conto de Natal. Aquilo ali é mesmo comovente. Em minha humilíssima opinião, de todos os títulos ficaria apenas com dois: “Pedaço de Marianita” (a lembrar os grandes títulos de Aníbal Machado) ou “Balada de Gaivotas, de Bóllhas Douradas e da Cachorra Tatiana”. Nenhum outro, sinceramente, me bate mais na entranha que estes dois.

Ainda antes de viajar andei aqui, febril e ensandecido com o “Sete Noites”, de Jorge Luis Borges, que me levou, de tabela para a leitura de Dante, Platão e até mesmo De Quincey (traduzido por Baudelaire — “Memórias de um Comedor de Ópio”). E, loucura das loucuras, tudo acabou se bifurcando

— e finalizando o delírio — na releitura (terceira) dos dois volumes de “Memórias do Cárcere”. A mais fina, forte, máscula e viril lição de humanidade, que conheço, uma humanidade suja de si mesma, certo, mas ô que humanismo vero e fero o deste mestre insuperável das Alagoas!

Agradeço e retribuo os votos muito sinceros de que em mais este ano, possamos ser dele sobrevivente, como aconteceu com o fatídico 1983. Que o santo de sua devoção, Santo Antônio da Batalha, lhe dê a citada energia para o trabalho e a igual fraca esperança.

Mandei a Duílio Gomes alguns cometimentos poéticos. Se conseguir furar o duríssimo bloqueio da neurose que me paralisa frente a qualquer papel em branco, escreverei, enfim, o “Pintor em Bronze”. Ideias há muitas. Andei relendo seu “Dedo Duro” e considero Paulo Melado do Chapéu Mangueira Serralha” coisa definitiva.

Com recomendações a Tereza, guardiã deste inquieto espírito macunáimico, o teu, sempre, Wilson Bueno.

Revérzeas, 11 /JULHO/1984

João Antônio. Muitíssimo prezado.

A correria, aqui, tem sido imensa. Além do trabalho com as crônicas do jornal, três vezes por semana, ainda funciono regularmente pela manhã e à tarde no lufa-lufa pela subvída. Mas só assim pra eu escrever. Desembastei João Antônio, desembastei nas escrevinhações. Estou fazendo ~~um~~ o que considero anotações, à grande, para o livro ( ou livros) que pretendo escrever.

O Aleijadinho saiu, ao menos por um período ( já aconteceu outras vezes) do rol de minhas obsessões. Li, inteiro, o livro da Isolda. É quase certo que seja essa mesma que andava lá por ~~MAIAGAZAS~~ Congonhas, naquele tempo que lhe dei notícia em carta. Só pode ser ela. O livro é ( foi) fantástico, lido numa fase de vagabundagem total e sem as alugações de agora.

Fico te devendo carta alentada sobre Antonio Francisco Lisboa. Creio que a minha visão bem pequena das coisas, não há de fazer falta. Com sinceridade.

Aí vai a primeira das Cartas de Um Pingente. Embora o esforço do grande ilustrador brasileiro - SETO . Lembra dele - passou por quase todas as revistas e editoras de São Paulo. Japonês de grande talento, e ainda que heterossexual definitivo, um apaixonado por Mishima. Na correria das redações, principalmente cá por estas plagas e num jornal relativamente novo, enfiou um baita U no PINGENTE, como v. verá, mas a matéria ficou, no todo, muito boa, em minha opinião. E mereci, inclusive, nesse dia, chamada de primeira página. Aliás, o meu trabalho, que assim que possa, te mando xerox ( para uma severa avaliação) vem fazendo um sucesso que acho que não mereço muito, cá por estas bandas. Aquela que lhe enviei ( o jornal inteiro, como IMPRESSO e que v., até agora não acusou se recebeu, ou não ) sobre OS POLACOS ganhou elogio até de gente super-enfarada. Tanto fazia - gente enfarada não têm opinião, tem ~~estados~~ estado-de- espírito.

Vivência marioandradina, de três, quatro ocupações simultâneas e mais o mundo de cartas, epistolagem de Norte a Sul deste país.

E ainda as leituras: acabo de sair de um livro que li com unção pesando e fazendo escorrer na voz e até nas mãos, cada frase, cada período, cada parágrafo, cada capítulo: "INFÂNCIA" do mestre Graciliano. Resolvi, por acaso, lê-lo, já que havia feito a besteira de não entendê-lo, embora a leitura total, há nos meus dezesseis anos. É uma definitiva obra-prima. Melhor, muito superior que a Infância de Tostoil e acho que em domínio da língua supera o Machado de Assis. / Terminou o papel e o tempo! / ESCREVA- ESCREVA- ESCREVA-ESC

*Teu, W. L. S. S. S.*

Revárzeas, 11/ julho/1984

João Antônio. Muitíssimo prezado.

A correria, aqui, tem sido imensa. Além do trabalho com as crônicas do jornal, três vezes por semana, ainda funciono regularmente pela manhã e à tarde no lufa-lufa pela subvida. Mas só assim para eu escrever. Desembestei, João Antônio, desembestei nas escrevinhações. Estou fazendo o que considero anotações, à grande, para o livro (ou livros), que pretendo escrever.

O Aleijadinho saiu, ao menos por um período (já aconteceu outras vezes) do rol das minhas obsessões. Li, inteiro, o livro da Isolda. É quase certo que seja essa mesma que andava lá por Congonhas, naquele tempo que lhe dei notícia em carta. Só pode ser ela. O livro é (foi) fantástico, lido numa fase de vagabundagem total e sem as alusões de agora.


Fico te devendo carta alentada sobre Antônio Francisco Lisboa. Creio que a minha visão bem pequena das coisas, não há de fazer falta. Com sinceridade.


Aí vai a primeira das cartas de Um Pingente. Embora o esforço do grande ilustrador brasileiro — Seto. Lembra dele? — passou por quase todas as revistas e editoras de São Paulo. Japonês de grande talento, e ainda que heterossexual definitivo, um apaixonado por Mishima. Na correria das redações, principalmente cá por estas plagas e num jornal relativamente novo, enfiou um baita U no PINGENTE, como v.

verá, mas a matéria ficou, no todo, muito boa, em minha opinião. E mereci, inclusive, nesse dia, chamada de primeira página. Aliás, o meu trabalho, que assim que possa, te mando xerox (para uma severa avaliação) vem fazendo um sucesso que acho que não mereço muito, cá por estas bandas. Aquela que lhe enviei (o jornal inteiro, como IMPRESSO e que v., até agora não acusou se recebeu, ou não) sobre os POLACOS ganhou elogio até de gente super-enfarada. Tanto fazia — gente super-enfarada não têm opinião, tem estado-de-espírito.

Vivência marioandradiana, de três, quatro ocupações simultâneas e mais o mundo de cartas, epistolagem de Norte a Sul deste país.

E ainda as leituras: acabo de sair de um livro que li com unção, pensando e fazendo escorrer na voz e até nas mãos, cada frase, cada período, cada parágrafo, cada capítulo: “INFÂNCIA” do mestre Graciliano. Resolvi, por acaso, lê-lo já que havia a besteira de não entendê-lo, embora a leitura total, lá nos meus dezesseis anos. É uma definitiva obra-prima. Melhor, muito superior que a Infância de Tolstói e acho que em domínio de língua supera o Machado de Assis. / Terminou o papel e o tempo!/ ESCREVA — ESCREVA — ESCREVA. Wilson Bueno.

 **Wilson Bueno** nasceu em Jaguapitã (PR), em 1939. É autor, entre outros, de *Manual de zoofilia* (1991), *Mar Paraguayo* (1992), *Meu tio Roseno, a cavalo* (2000), *Amar-te a ti nem sei se com carícias* (2004) e *Cachorros do céu* (2005). Tem livros publicados na Argentina, Chile, Cuba, Estados Unidos e México. Bueno faleceu em Curitiba, em 2010.

 **João Antônio** nasceu em São Paulo, em 1937. É autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963). O livro, que conta a história de três malandros paulistas, foi traduzido para oito idiomas e ganhou o Prêmio Jabuti. Depois, João Antônio publicou mais vinte obras, entre elas, *Leão de chácara* (1975), *Malhação de Judas* (1976), *Casa dos loucos* (1978), *O Calvário e porre do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1979), *Dedo-duro* (1981) e *Abraçado ao meu rancor* (1986). O autor foi encontrado morto em sua casa no dia 1º de maio de 1996.

# No coração, a liberdade: as cartas exemplares de Luiz Gama

A professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) **Ligia Fonseca Ferreira** faz uma análise da trajetória de Luiz Gama, intelectual brasileiro negro, e pouco conhecido, a partir da troca de cartas do autor com outros interlocutores

**M**uitos talvez o desconheçam, mas Luiz Gama (BA/1830 — SP/1882) é uma personalidade extraordinária de nossa história. Dentre os raros intelectuais negros do século XIX, foi o único a ter sofrido 8 anos de escravidão, fato marcante na trajetória de um homem nascido livre, cuja vida devotou a libertar escravos.

Poeta, jornalista, advogado e maçom, Gama cumpriu um destino incomum numa época impiedosa para pessoas de sua cor e condição. Desempenhou um papel pioneiro em vários campos. Na literatura, universo exclusivo de brancos, introduziu em 1859 uma voz até então ausente ao publicar sua obra única, as *Primeiras Trovas Burlescas* (PTB), coletânea de poemas satíricos nos quais um autor que se assume “negro” denuncia os paradoxos políticos, éticos e raciais da sociedade imperial.

Na política, exerceu incontestável liderança nas campanhas abolicionista

e republicana, militando nos jornais, na tribuna e nos tribunais duas décadas antes do advento da Abolição e da República. No Direito, o advogado “provisoriado” (com licença especial), inovou nas estratégias jurídicas, desenterrando leis como a de 7 de novembro de 1831, que declarava livres os africanos chegados ao Brasil a partir daquela data, combatendo a escravização ilegal.

Jamais frequentou escolas, pois, segundo ele, “a inteligência repele os diplomas, como Deus repele a escravidão”. Os brasileiros esquecem que, cem anos antes de Martin Luther King, um negro, aqui, declarou ter um “sonho sublime: as terras do Cruzeiro, sem reis e sem escravos”.

Tanto a obra poética de Gama quanto os artigos publicados nos principais órgãos de imprensa de São Paulo e da Corte são permeados por elementos autobiográficos. Porém, na diminuíta correspondência conhecida, pode-se

apreender aspectos mais íntimos e reveladores da “alma” de um homem que sempre se colocou como protagonista e agente da História com a qual se entrelaçava sua vida — vida que, particularmente numa carta, ele próprio se encarregou de contar.

Em 25 de setembro de 1880, o renomado abolicionista responde às solicitações feitas pelo jovem amigo Lúcio de Mendonça, como se depreende das linhas iniciais: “Não me posso negar ao teu pedido (...): aí tens os apontamentos que me pedes, e que sempre eu os trouxe de memória”. Os “apontamentos” consistiam no relato sobre sua vida, desde o nascimento e infância na Bahia até o momento em que os dois homens se conheceram em São Paulo, em meados dos anos 1860.

Porém, as motivações do remetente e do destinatário, o teor e finalidade da carta, bem como a própria história do documento parecem simples, mas



Reprodução

Luiz Gama foi um intelectual negro no Brasil no século XIX.

não são. Primeiramente, porque não se trata de mera curiosidade de um ou de confissões espontâneas do outro, embora seja evidente a cumplicidade entre os dois. Havia, por outro lado, uma premência pessoal e política. Apesar da diferença de idade, os laços de amizade se nutrem de afinidades diversas. Ambos participaram da fundação do Partido Republicano Paulista (1873).

Aos 26 anos, o também poeta, jornalista e advogado Lúcio de Mendonça, futuro fundador da Academia Brasileira de Letras, tinha grande prestígio em São Paulo, Rio e Minas Gerais. Aos 50 anos, Gama era, nas palavras de José do Patrocínio, o “grande chefe”, “o símbolo da grande causa”. De fato, havia mais de dez anos que realizava concorridas conferências, escrevia artigos polêmicos, encabeçava iniciativas para o alforriamento de escravos promovidas pela influente loja maçônica América de São Paulo.

O advogado autodidata se convertera em renomada autoridade na jurisprudência sobre escravidão. Terror dos fazendeiros e dos advogados e juízes corruptos, sua popularidade na província e em outros rincões do Império estava no auge, o número de inimigos também. Sua saúde era frágil. No momento em que escreve a carta, Gama sofria da diabetes que lhe ceifaria a vida em dois anos e talvez já suspeitasse que não veria as reformas que sonhara.

Justificava-se, pois, a pressa de Mendonça em obter as informações com as quais redigiria um ensaio biográfico, publicado um ano depois, porém sem nenhuma menção à carta de Gama. Mesmo se em alguns poemas das *Primeiras Trovas Burlescas* existem alusões à vivência como escravo, o passado do popular abolicionista não era

conhecido em minúcias. Foi este o objeto maior das revelações sobre uma vida na qual perpassam questões candentes do Segundo Império e se entrecruzam a dimensão individual e coletiva.

Gama narra episódios dramáticos de sua infância numa Bahia agitada por revoltas negras e regenciais. Os detalhes denotam uma memória aparentemente intacta. Evocando sua filiação, ele se apresenta como um típico brasileiro, fruto do “casamento”, ao menos simbólico, entre África e Portugal, e sugere ter herdado dos pais, e especialmente da mãe, a mítica Luiza Mahin, as características que lhe permitiram enfrentar as barreiras impostas aos negros, escravos ou não. Ironiza também a hipócrita classificação racial então reinante no país. Desoladora é a revelação de ter sido jogado no cativeiro pelo próprio pai, cujo nome oculta, fato que até hoje alimenta o mistério em torno de se verdadeiro nome e identidade. Escreve ele:

“Nasci na cidade de S. Salvador (...) em um sobrado da Rua do Bângala, (...) a 21 de junho de 1830, pelas 7 horas da manhã, e fui batizado, 8 anos depois, na igreja matriz [de] Itaparica.

Sou filho natural de uma (...) africana livre, (...) de nome Luíza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã.

Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto



Obra fundamental para conhecer o legado do pensador brasileiro.

retinto (...) tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito alta, geniosa, insofrida e vingativa.

(...) era quitandeira (...) e mais de uma vez (...) foi presa como suspeita de envolver-se em (...) insurreições de escravos (...).

(...) Em 1837, depois da [Sabinada] (...) veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurei-a em 1847, em 1856, em 1861, na Corte, sem que a pudesse encontrar. Em 1862, soube, por uns pretos minas (...) que ela, acompanhada com malungos

desordeiros (...) em 1838, fora posta em prisão; e que tanto ela como os seus companheiros desapareceram. [Segundo] meus informantes [esses] «amotinados» fo[ram] mandados para fora pelo governo, que, nesse tempo, tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores. (...)

Meu pai, não ousou afirmar que fosse branco, porque tais afirmativas, neste país, constituem grave perigo perante a verdade, no que concerne à melindrosa presunção das cores humanas: (...) [ele] pertencia a uma das principais famílias da Bahia de origem portuguesa. Devo poupar à sua infeliz memória uma injúria dolorosa, e o faço ocultando o seu nome.

Ele foi rico; e nesse tempo, muito extremoso para mim : criou-me em seus braços. Foi revolucionário em 1837. Era apaixonado pela diversão da pesca e da caça; (...) jogava bem as armas, e muito melhor de baralho (...) esbanjou uma boa herança (...) e reduzido à pobreza extrema, a 10 de novembro de 1840, (...) vendeu-me, como seu escravo, a bordo do patacho Saraiva.”

Seguem-se então, nesta carta que tem as potencialidades de um romance, os dramas rocambolescos vividos pelo escravo Luiz. A narrativa construída na carta apresenta outros mistérios que ressaltam a capacidade do autor de safar-se de situações inextricáveis,



como quando, aos 18 anos, depois de ter aprendido a ler e escrever, obtém “ardilosa e secretamente provas inconcussas” de ter nascido livre. Gama viveria outra privação de liberdade quando, soldado da polícia, reagiu às ofensas de um oficial “insolente”: “Estive então preso 39 dias (...) Passava os dias lendo e, às noites, sofria de insônias; e, de contínuo, tinha diante dos olhos a imagem de minha querida mãe. Uma noite (...) em sonho, vi que a levavam presa (...) Dei um grito (...) os companheiros alvortaram-se; corri à grade e enfiei a cabeça pelo xadrez (...) narrei a ocorrência aos

(...) colegas; eles narraram-me também fatos semelhantes; eu caí em nostalgia, chorei e dormi.”

Gama sabia do destino que Mendonça daria a suas confissões, o que nos autoriza a pensar que ele foi uma espécie de coautor da biografia e da imagem que desejava legar à posteridade, até porque, coincidência ou não, sua carta, hoje conservada na Biblioteca Nacional (RJ), só viria a público no século XX por ocasião de seu centenário. Assim, encaminhando-se para a morte e avaliando retrospectivamente sua vida, não se furtou em fazer o balanço das realizações que mais orgulhavam o imbatível defensor que advogava de graça: “[no foro e na tribuna] ganho o pão para mim e para os meus, que são todos os pobres, todos os infelizes; e para os míseros escravos que, em número superior a 500, tenho arrancado das garras do crime”.

Vitorioso por um lado, Gama não teve uma vida tranquila. Recebeu constantes ameaças de morte que ele denunciava publicamente e em tom provocador, nas páginas dos jornais ou, num plano mais privado, escrevendo a familiares e amigos. Em 23 de setembro de 1870, deixou uma comovente mensagem a seu filho único, Benedito, então com 10 anos de idade, possivelmente antes de sair para tratar de algum processo envolvendo propriedade escrava. Ignorando se voltaria a ver sua

família, deixa conselhos que sintetizam seus principais valores e crenças, antes de encerrar: “Lembra-te que escrevi estas linhas (...) sob ameaça de assassinato. Tem compaixão de teus inimigos, como eu compadeço-me da sorte dos meus”.

Dois meses depois, em 26 de novembro de 1870, escreve a José Carlos Rodrigues, jornalista brasileiro residente em Nova York, mostrando-se satisfeito por ter triunfado das ameaças de morte graças ao apoio popular: “sou detestado pelos figurões da terra, que me puseram a vida em risco, mas sou estimado e muito pela plebe. Quando fui ameaçado pelos grandes (...) tive a casa rondada e guardada pela gentalha”. Evoca também as perseguições motivadas por seu envolvimento “em favor de gente livre [africanos] posta em cativeiro indébito”, o que acarretou sua demissão do cargo de escrivão na Polícia e a nova atividade: “Fiz-me rábula e atirei-me à tribuna criminal; tal é hoje minha profissão”.

Transcritas e comentadas pela primeira vez em 2011<sup>1</sup>, estas e outras cartas possuem uma aura especial, emanando das linhas traçadas por Luiz Gama, em cujo coração apenas ardia a ideia de liberdade, em múltiplos sentidos. ■

1. Cf. Com a palavra Luiz Gama. Poemas, artigos, cartas, máximas. Organização, introdução e notas Ligia Fonseca Ferreira. Imprensa Oficial de São Paulo: 2011.

Reprodução



Gama: o intelectual negro adquire cada vez mais visibilidade.

**Ligia Fonseca Ferreira** nasceu em São Paulo (SP), onde vive. É bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) com doutorado na Universidade de Paris 3/Sorbonne. Atua no departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e é organizadora de *Primeiras Trovas Burlescas e outros poemas de Luiz Gama* (2000) e *Com a palavra Luiz Gama. Poemas, artigos, cartas, máximas* (2011).



# O INFERNO DAS FRASES DE EFEITO

Nunca é tarde para termos uma infância feliz.

Maximo Simpson, poeta argentino

Ilustração Bianca Franco

Para qualquer observador, a cata-  
pora, um abridor de latas seriam  
mais românticos do que June e eu.  
Não tínhamos grandes recursos te-  
atrais, embora mentir, omitir, dissimu-  
lar fossem jogos aos quais, no passado,  
ela se entregava com eficiência quan-  
do necessário ou mesmo por um desvio  
sem nome, e eu também mentia, omi-  
tia e dissimulava ao remeter minha opi-  
nião sobre o que via aos cenários certa-  
mente mais amenos do futuro. Existiam  
porém linguagens de carinho que esca-  
pavam aos modelos habituais (joias, can-  
ções, sussurros, o sonho da casa própria),  
e assim até mesmo June e eu tínhamos  
ao deus dará o nosso jeito de satisfazer  
a demagogia do amor. Que nos é tão ín-  
tima quanto o nosso pâncreas.

Eram quatro da tarde — Dante  
e eu discutíamos como ele podia que-  
brar sua neutralidade de opinião quanto  
à PPP do crematório no blog e no Face,  
passando a ser contra — quando ela me  
pegou de carro na Agrotec. Me pediu  
para não falar nada, deitar no banco do  
carona, inclinado ao máximo para trás, e  
fechar os olhos. Eu disse que este era um  
exercício de autodomínio que as freiras  
do Educandário faziam comigo na in-  
fância, e ela respondeu:

“Exatamente, meu, espero que  
não tenha esquecido a lição.”

“Que história é essa?”

“Nós precisamos fazer aquilo que  
estamos fingindo que não vamos fazer. É  
bobagem, mas precisamos disso”, insis-  
tiu, já com o carro em movimento.

A lista do que evitávamos fazer  
não era pequena e pela calça jeans, a ca-  
misa amarela marcada pelos seios sem  
sutiã, eu não podia deduzir grandes coi-  
sas. June rodou pela cidade seguindo um  
roteiro que eu não tinha como decifrar  
às cegas. Enquanto isso, comentava a in-  
dependência e o aspecto saudável reve-  
lados por sua mãe após a morte do ma-  
rido, que durante décadas de casamento  
infeliz só lhe deixara uma saída — a hi-  
pocondria. Eu ouvia em silêncio, con-  
centrado no incômodo que se tornava  
afetivo quando se reprimia algo tão na-  
tural quanto estar de olhos abertos. Ela  
mudou de assunto para continuar falan-  
do com a promiscuidade das comadres,  
agora sobre a rebelião na família de Pa-  
loma, *née* Ortúndia, por causa do novo  
nome que assumira. Parentes a evitavam  
ou não se dirigiam mais a ela, e houve  
quem, na igreja, a denunciasse ao pastor,  
que descolou no ‘apóstolo’ Paulo passa-  
gem onde figurava obscuramente o reba-  
tismo, permitindo-lhe salvar a fiel para  
não a perder a cliente.

Quando o carro parou num acos-  
tamento em declive, eu, me levantando,  
vi que estávamos próximos ao muro la-  
teral do cemitério, branco feito nata; à  
nossa frente, do outro lado da ferrovia  
desativada fazia anos, erguia-se esplên-  
dida e rosada a paineira sob a qual nos  
encontramos pela primeira vez.

“Estive aqui há um mês”, falei.

“Eu também. O casario está che-  
gando perto do cemitério, se derrubarem  
a paineira vai ser horrível.”

“Escrevi um poema sobre ela.  
Não me lembro mais dos versos.”

“Que pena. Nunca li.”

“Era sobre uma índia que a tribo  
local enterrou numa urna entre as raí-  
zes da árvore. No outono ela floresce, é  
como se a mulher renascesse. Simples  
assim. E fora de moda.”

Sáimos do carro.

No cheiro seco que sobe da terra  
há rastros diversos — defensivos, adu-  
bos, lavouras. Perto de onde estamos,  
sobram pastos vazios, com arbustos e  
matagais nos baixios desgastados pela  
estação. Sob um sol pálido, o planal-  
to se estende para o poente com vales  
e colinas devastados, mais que recober-  
tos, pela resolução cinza que o ar dá ao  
trigo verde. As promessas que fizemos  
a uma paisagem. Um pouco da nossa  
firmeza vem daí.

June me pediu para tirar do por-  
ta malas a caixa de isopor com cerve-  
jas no gelo, enquanto ela carregava a  
sacola onde havia pães e queijos para  
acompanhar o peito de peru fatiado.  
Arrumamos tudo sobre toalhas duplas  
de papel, depois nos sentamos em al-  
mofadas de plástico, ela na posição do  
lótus, em meio a um círculo de flores  
de um rosa vivo que evitamos pisar.  
Abrimos os trabalhos com um beijo  
longo, ansioso.

“Você me beija como se eu fosse  
desaparecer”, ela disse.

“É mais ou menos isto, conside-  
rando aonde você foi parar na versão  
anterior”, não pude deixar de lembrar.

Torcemos os lábios num semi-sorri-  
so ante essa acusação, surpresos por-  
que, agora, ela não era nem amarga  
nem cruel.

“A gente amadureceu, podemos  
conversar sobre qualquer coisa.”

June me estendeu uma lata de  
Antártica gelada, depois o copo para di-  
vidi-la comigo. Os sanduíches de peito  
de peru foram regados com um molho  
de ervas artesanal feito de ricota, limão,  
sálvia e outras folhas igualmente virtu-  
osas. Eventualmente, a uns 200 metros  
mais abaixo, víamos passar por uma es-  
trada vicinal um ônibus, um caminhão  
com restolhos de cana. De repente, pe-  
lotões de pardais sobrevoaram a paineira  
na direção contrária à do sol.

“Me lembro do nosso encontro  
como se fosse ontem. Eu tinha vindo  
de férias do Rio para visitar Dante, re-  
ver uns amigos e andava muito por aqui.  
Respirar, espaiar. Tem lugares que ali-  
viam a nossa desordem. Era dezembro,  
não sei, e eu vi uma mulher sair dos tri-  
lhos e caminhar até mim, sentado no  
banco de madeira que não existe mais  
junto à árvore. Você me perguntou:

‘É você que é o Max Strasser?’  
Não esperou a resposta e emendou: ‘Eu  
li o seu livro.’

‘Talvez. Sobreviveu?’

‘Até agora sim, vamos ver daqui  
pra frente. Eu sou a June’.

‘E daí, o que aconteceu?’

‘Eu apertei a sua mão, olhan-  
do para as suas sobrancelhas, dois ar-  
cos finos bem desenhados; achei que

diziam coisas esquisitas, uns descaminhos, e pensei assim, do nada: ‘Essa mulher vai me foder a vida’”.

“Você nunca me falou nisso. Se arrependeu?”

“Se tivesse me arrependido, não estaríamos aqui.”

“Max”, ela disse com uma suavidade estranha, ou pelo menos assim me soava a felicidade nela, “nós tiramos a sorte grande pela segunda vez. A gente não tem o direito de errar.”

E bebeu a Antártica como mandavam os Upanishads — com um gole demorado.

“Claro, claro”, eu disse. “Quantos anos faz que nos encontramos aqui?”

“Vinte anos, cravadinhos.”

“Você está mais lenta, mais organizada. Acho bom e bonito.”

“O nome disso é filho mais a Responsabilidade Sócio-Ambiental. É como ter a obrigação de acreditar, você precisa se organizar para ser convincente.”

“Pensei que fosse protestar porque eu não disse que você está mais bonita.”

“Eu não sou uma mulher bonita, eu sou uma mulher interessante.”

“E a plástica no nariz?”

“Foi pra corrigir um defeito, não para virar a Angelina Jolie. Aliás, eu não gostaria de ser uma mulher boniiiiita. Dá muito trabalho. Meu, pode ser uma roubada, se você não tem uma personalidade assim à altura da sua beleza.”

June esvaziou o copo e enlaçou os dedos sobre as coxas sem parecer cansada.

“A cerveja é a minha cocaína, eu me sinto poderosa.”

“Poderosa. Antigamente diria “foderosa.” Higienizaram a sua linguagem, quase não ouvi você soltar um palavrão.”

“Já sei: eu mudei uma porção de hábitos porque mudei de classe blá blá blá,

“O que vc disse mesmo sobre a cocaína?”

“Eu disse que a cerveja é a minha cocaína, porque eu me sinto poderosa. Descobri por acaso.”

“Sorte sua”, falei, e entrei num surto de alegria porque enfim estávamos conversando sem reticências, sem premissas ocultas, às claras. Seu projeto “madame” tanto quanto a minha poesia e os prêmios sem jaça que ela recebeu eram meias verdades. Precisávamos de escapes, a cerveja, a prosa vadia que eu escrevia para os jornais ou para o Dante. Entrávamos pela sinceridade porque, anexo à meia verdade, havia um país vizinho e desconhecido por onde começávamos a andar mais comportadamente desde o nosso reencontro.

Tomei um bom gole de cerveja para imitá-la, e mastiguei o sanduíche com voracidade, como se estivesse esfomeado.

“Como está a Vivian?”

“Meio tristinha porque a peruca da Amy Winehouse que ela comprou em Londrina, lembra?, está se desfazendo, era artigo vagabundo. Acha que vão matar a cantora ou que ela pode se suicidar. Tudo porque em Nova York tem uma bolsa de apostas sobre quan-

to tempo ela vai durar. / Tá valendo, estão faltando heróis para o pessoal da idade dela. / Para a nossa também. Aliás, vamos fazer 50 anos, você em outubro, eu em novembro. O que que é isso, 50 anos? / Não sei, mas se você não tem problemas de sobrevivência fica mais fácil viver, a gente não precisa ter tanta opinião, e olha o mundo um pouco de cima, de um vazio superior. Da minha parte, acabou aquele negócio de ser macaco de mim mesmo, de macaquear o talento, agora é isto, o que sobrou, e eu não sei se quero melhorar muito. / A gente podia comemorar o meu ou o seu aniversário em Montevideu. Achei um guia turístico da cidade no meio dos seus livros. Eu conheço Chicago e não conheço o Uruguay, que não fica tão longe de Foz. / Estive lá umas duas vezes. Acho que a sua família não vai gostar. Pensamos nisso uma outra hora. / Foi só uma ideia. / Sim, nada contra. Mas, June, faz dias que estou pra te falar: você ou é estranha mesmo ou engana bem, porque eu não vejo o menor traço de menopausa em você. A sua lubrificação é perfeita / Eu sou uma retardada, vai demorar. Só fui menstruar aos 15 anos. / Bueno, obrigado, vamos ter um *playground* sem problemas por mais tempo. Me dá outra latinha. Estou bebendo feito um caminhoneiro de férias. É porque não consigo falar sobre quase nada do que eu vejo em você. / Foda-se — em sua homenagem — deixa correr. Mas eu tenho uma pergunta bem clara que você ainda não respondeu. Por que você não escreveu mais poesia? Eu não me con-

formo. / Eu também não. Tem horas que chego perto de alguma sugestão, alguma fiapo de resposta, mas ela me foge igual uma mosca. / Deixa pra lá. E o nosso grito de guerra, qual era? // A gente... Juntos e berrando:

INÚTEL, A GENTE SOMOS INÚTEL.

Essa valeu a tarde. Os roquinhos mixurucas que pareciam o Evangelho. Agora é sério, não vai me esganar, mas temos de renovar aos poucos o seu guarda-roupa. Você continua se vestindo mal. / Você também se vestia mal, agora deve ter melhorado ou danou-se de vez, não sei. Com dinheiro, faz besteiras maiores. Muda de assunto. / Sim, meu rei. Encontrei o Neno e a Norma na rua anteontem. Querem que a gente vá com eles a um bar quase no fim da Espírito Santo, o Mula Preta. Enche de estudantes. No quarteirão de cima fica o Mula Manca, é frequentado mais pelos velhos, mas tem o mesmo cardápio: mandioca frita com bacon e cervejas importadas. Os velhos tem mais dinheiro. Na decoração, numa das paredes, tem vários tipos de bengalas com os sobrenomes dos donos gravados. / Vamos lá. Você é a minha locomotiva social. Daqui a pouco já escureceu. / A brisa aumentou. Está esfriando. É uma pena você não gostar de criança. Precisava conhecer os filhos do meu irmão mais velho. / O ser humano mais desprezível que eu já vi é uma criança, garoto de três anos e meio, quatro. Era meu vizinho no Rio. A manha em pessoa. Não fala, só berra. Não ri,



não sei do que ele brinca, não tem amigos. Manda o pai tomar no cu, chama a mãe de vaca. Só tem duas respostas: não, e NÃÃÃÃÃÃ. É agressivo, desaforado. Parece que não é burro, mas não tem medo, já imaginou uma criança sem medo, a insolência? É um psicopata em botão. / Você já tentou se colocar no lugar do menino? Parece criança adotada. / Na época, se me colocar no lugar dele diminuísse o esporro, eu até encarrava. / Ia me esquecendo, amanhã tenho que levar minha mãe no dentista. Refazer implantes. Ela tem uma resistência à dor impressionante. / Você também. Ah, sim, o filhodaputinha usava um bordão: ‘Não tô nem aí’, à vera, aos quatro anos. Dá pra segurar? Vai lá, leva a mãmi, um pouco de submissão aos costumes não faz mal, as gerações são para isso. Estou falando porque não sinto a menor falta nem de ser filho nem de ser pai. / Depois dessa, acho que vou levar você comigo no Canção pra fazer as compras do mês. / Não abusa que eu topo e aí pode ser muito pior. / Você tem razão, não seria uma boa medida sócio-educativa, porque eu mesma não fazia as com-

pras em Foz. / Quem fazia? / Quando não era o Ramon, ele adora comprar especiarias exóticas, aparelhos, novidades pra cozinha, quando não era ele, era o motorista. / June... / O quê? / Aposto como você frequentava a Daslu. / Não existe isso de “frequentar” a Daslu, não é um bar ou uma igreja. Eu fui lá algumas vezes, comprei roupas com minhas amigas de São Paulo, mas daí eu li em algum lugar que a loja não vendia moda, vendia preconceito. Caiu a ficha, parei com aquilo. / Escureceu. / Culpa sua. Vem cá. Estou com frio, me abraça.

Uma lua turca que fosse se erguera em algum lugar porque o escuro ficou menos compacto e eu a beijei demoradamente, depois ela pegou na minha mão e a levou até os seios por baixo da camisa amarela, que eu desabotei para lamber, afagar seus mamilos endurecidos, e ela desceu o zíper da minha calça, tirou meu pau para fora curvando-se para sugá-lo com movimentos delicados, sem

pressa, nos quais eu não sabia o que era técnica, o que era paixão, o roçar dos lábios parecia um deslizar de seda sobre seda enquanto a língua ia e voltava pelos caminhos que chamavam o orgasmo e depois de variações que aumentavam a sensação de limite e me abandonavam em um beco estreito e esfuziante o gozo veio como uma calamidade festiva no seu exagero. Derrubei a cabeça no seu colo, mas não esperei os suspiros pararem, me ajoelhei à sua frente, pedi a ela que tirasse os jeans e a calcinha e que, de pé, apertasse, esfregasse, enfiasse meu rosto na sua vagina, que eu, agarrado às suas coxas, depois lambi com aplicação, com devoção, até fazê-la emitir uma cascata de gemidos sincopados ao gozar. ■


 **Jair Ferreira dos Santos** é escritor e poeta. Paranaense de Cornélio Procópio, está radicado no Rio de Janeiro desde a década de 1970. Autor do clássico *O que é pós-moderno* (1985), também publicou *A inexistente arte da decepção* (contos, 1996), *Breve, o pós-humano* (ensaios, 2003) e *Cybersenzala* (contos, 2007). O trecho publicado pelo *Cândido* faz parte do romance em progresso *O inferno das frases de efeito*.

# CLIQUESES

## EM CURITIBA





 **André Rodrigues** é fotógrafo há mais de 10 anos. Entre 2012 e 2014 fez parte da equipe de fotógrafos do jornal *Gazeta do Povo*. Atualmente, dedica-se a trabalhos independentes e ao projeto “Voto em Imagens”, em que fotografa eleições. Segundo o autor, a série *Iluminados — homem revelado na cidade*, publicada nesta edição, revela a cidade por meio do duelo entre luz e sombra. “Uma interação que acontece em cenários arrebatadores e quase de forma icônica”, diz Rodrigues.

# POEMAS E BAQUES BASEADOS EM METÁFORAS DE HAFEZ


Uma viagem em que percorri o Irã de Norte a Sul, depois de volta ao Norte, passando por Persépolis e Pasárgada, me fez voltar aos gazéis de Hafez (1320-1389), para mim o mais sublime entre os grandes poetas persas. Li várias traduções, alemãs, inglesas e francesas, sabendo desde o princípio que era impossível traduzir seus versos. A experiência foi tão intensa, no entanto, que nasceram alguns poemas fundamentados nas belas metáforas de Hafez, tão grandiosas na pujança oriental que por certo fazem qualquer ocidental – e isso deve ter acontecido inclusive com Goethe, que séculos depois chamaria o persa de seu irmão gêmeo – não corar, mas empalidecer de pudor.

fugiu teu coração  
e eu, não obstante,  
perdido como uma flecha  
pairei no ar  
por um instante  
depois caí  
e me perdi  
no pó do chão

o peixe, o pássaro  
eu mantive acordado  
à noite inteira  
com minha queixa  
e tu, gazela,  
distante, bela,  
não levantaste nem mesmo  
a cabeça de teu travesseiro

dos teus cachos em desalinho  
jamais vou me livrar sozinho  
pois só quem na tua armadilha cai  
é livre de verdade e não se vai

nem por toda a eternidade  
saberá o que é o amor  
quem não tocou  
com seu nariz rubicundo  
o pó do piso  
de um bar imundo

 **Marcelo Backes** é escritor, tradutor, professor da Casa do Saber e autor dos romances *O último minuto* (2013) e *A casa cai* (2014), entre outras obras. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

